

nós-otros

ESCUELA OFICIAL DE IDIOMAS DE VALLADOLID (ESPAÑA)
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR DA COVILHÃ (PORTUGAL)

5-8 DESTINO: ERASMUS • **10** EOI: 25 ANOS SÓ SE CUMPREM UMA VEZ • **12-13** HONORIS CAUSA UBI: JULIO FERMOSE • **14** PORTUGAL É SUCEPTÍVEL À OCORRÊNCIA DE TSUNAMIS? • **20** LA CRISIS EN CASA • **24-26** UM PASSEIO PELAS CULTURAS ANTIGAS • **36** O REINO DA ÁGUA • **37** SOSSEGO: UM CONTO CURTO À MODA DE PESSOA

O voo da língua

JOÃO DE MELO

Saber que a minha língua, o Português, é estudado na Escola Oficial de Idiomas de Valladolid (onde estive, há anos, em funções diplomáticas e como escritor, com outros escritores lusos, na Feira do Livro), era já para mim uma ideia muito bela. Não por mero patriotismo linguístico, compreenda-se. Mas porque, durante os nove anos em que fui Conselheiro de Cultura na embaixada de Portugal em Madrid, sempre defendi o Português como a língua-prima do Castelhana. E porque as línguas são aquela parte de nós que mais depressa voa sobre todas as fronteiras. Sobre isso, e muito mais, escrevi um romance “O Mar de Madrid”, que me atreveria a sugerir a alguns de vós: é um livro que fala da estranheza luso-espanhola e que advoga a poética de uma relação histórica entre nós, povos e pessoas.

Agora, sei que leram (pelo menos alguns) “Gente Feliz com Lágrimas”. Isso sugere-me um sentimento de humildade. O propósito destas linhas consiste em agradecer a vossa generosidade, a vossa paciência, talvez mesmo o sacrifício com que enfrentaram o desafio de uma história portuguesa, sobre um país do passado recente (o meu), e que talvez seja, em alguma medida, um livro também espanhol. Se “Os Santos Inocentes” de Miguel Delibes é uma história espanhola, mas igualmente portuguesa (por falar do latifúndio e de uma ditadura familiar de déspotas sobre o povo), então creio que “Gente Feliz com Lágrimas” morou, ou mora ainda, em algumas casas espanholas - talvez. De toda a maneira, do que eu gostava mesmo era de saber se este livro mora no vosso coração.

- 2 | ARTICULISTA
João de Melo
- 5 | ERASMUS:
testemunho direto

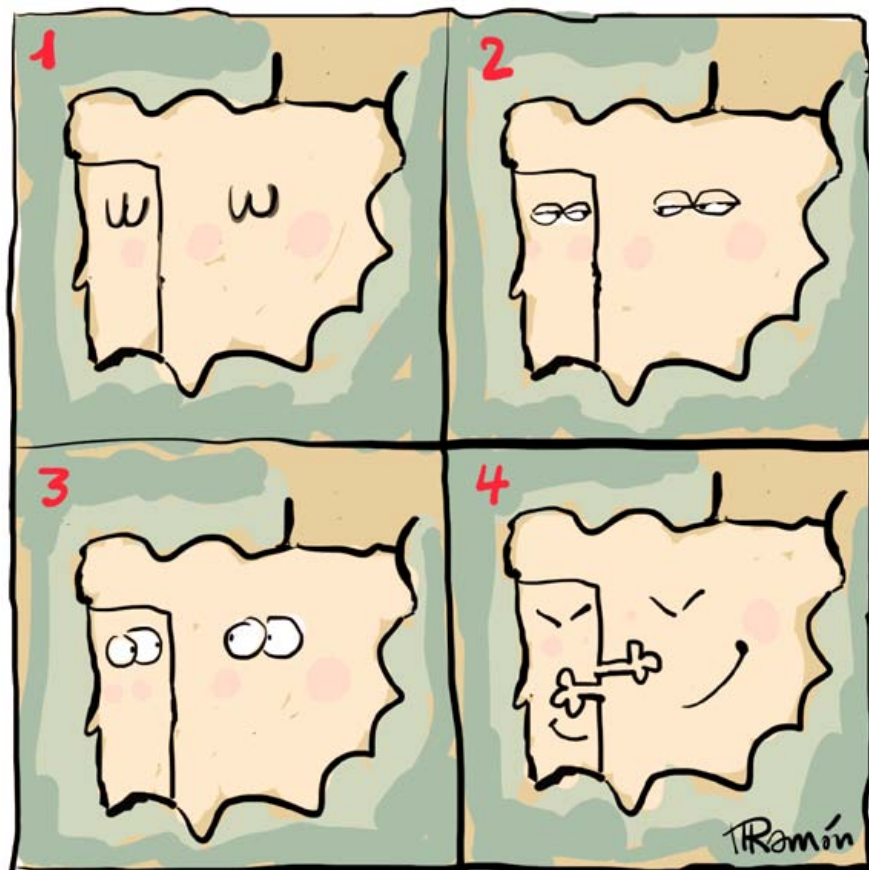


- 12 | ENTREVISTA
Julio Feroso
- 14 | **Tsunamis em Portugal?**
- 19 | ARTICULISTA
Amadeu Ferreira

- 24 | CULTURAS
As Fortificações
- 25 | CULTURAS
Siega Verde
- 27 | ARTICULISTA
Pablo J. Pérez López
- 28 | ENTREVISTA
Ângela Prestes
- 30 | CULTURAS
Órgão ibérico
- 33 | VIAGENS
Évora



RAMÓN



34

VIAGENS

Burgos

36

VIAGENS

Parque Nacional da Peneda-Gerês

39

ENTREVISTA

Virginia López

42

CULTURAS

Os Cemitérios

43

FOTOGRAFIAS

Fronteira Invisível**EDITORIAL****Valeu a pena?**

Continuamos nesta teimosia de alunos e línguas. Agora mais cientes do simples que é iludir fronteiras. Nós-otros tem qualquer coisa de romaria, de festa, de amizade que se procura e encontra.

Sem dúvida, aqui e além, o ano não foi bondoso. Foi cinzento o inverno. Despejos tristes que fizeram com que o ano se tornasse num lastro de perdas. Avançamos quase exaustos e em tudo diminuídos.

Tiraram-nos tanta coisa! Há entre Nós-otros mais desempregados do que nunca. Muitos dos nossos alunos chegam às aulas com o cansaço ou desespero de quem há já tempo que anda a procura e não encontra.

E ainda pior foi ver os nossos direitos esmagados. Porém, após tanta sustação, no balanço temos de olhar para a coluna da soma. E é então que reparamos que não foi em vão o nosso projeto. Mesmo porque até no momento em que nós estávamos já quase para deixar que também nos tirassem as ilusões, eram os outros a chamar por nós. E novamente, como coisa de magia voltava a ilusão de partilhar, junto com a certeza de que sempre são os amigos e os vizinhos os que nos tendem a mão.

Por isso, todos quantos fizemos parte desta coisa doida, de partilhar ilusões, podemos, agora sim, garantir que valeu a pena.

Estamos agora à espera, aqui em Valladolid, que venham amigos da Covilhã. Queremos saber mais sobre tudo o que têm para contar. Pensamos que é impossível falar bem uma língua sem o conhecimento das pessoas e as suas vidas. É mais uma vez, foram eles, os amigos novos a não deixar que os cortes no ensino dessem cabo dos nossos planos. E eles vem ter connosco e é de graça. Segredos assim conhecemos também através da Sibila de Agustina Bessa -Luís.

Sim valeu a pena, com certeza.

STAFF**Coordenadores Gerais**

EOI: Concha López Jambrina

UBI: Francisco J. Fidalgo

Coordenadores dos Centros

EOI: Lourdes López

UBI: Dra. Noemí Pérez, Dra. Ana Belén Cao, Dr. Emmanuel Rojas

Chefes de equipa

Ana Andaluz, José María Ramos, María José Fernández Calleja, Vidal García

Colaboradores

Aida García Pinillos, Belén González, Raúl Gutiérrez, Sara Arranz, Francisco Javier Ortega González, María Dolores Calero González, Miguel Marcos, Liliana Manuela Berrincha Duarte, Julia Molina, Gonçalo Daniel da Silva, Pilar Cava Sánchez, Agustín Pérez Cantero, Virginie Andrade, Fernando Ortiz, Francisco J.M. Cristovão, Natalia Fernández, Javier G. Lorente, Asunción Cuadrado, Isaac Macho, María José Fernández Calle-

ja, Goyi Plaza Parra, Gonçalo Pedro Azevedo da Silva, Ana Andaluz, José María Ramos, Carmen Brugman, Ruperto López Sánchez, José Miguel Gándara, Alexandra Silva, Roberta Ianozzi, Ana B. Cao

Ilustradores

Patricia de Cos / decosp@gmail.com, Jesse Dixium / jesse_dixium@hotmail.com, Carolina Fernández / karalman@hotmail.com, Alexandra Pino Caballero / alexandrapino0@gmail.com, Mariluz de la Calle / luzdelacalle@gmail.com, Daniel Merchán Ruiz / ridli79@gmail.com, Edgar Álvarez Allende, Andrea Valero Antón / andrevaleroanton@yahoo.es

Fotógrafos

Lourdes López, António Sá, Helena Poncini, Vidal García, Joaquín Lois, Alberto Jambrina

Articelistas

João de Melo, Amadeu Ferreira,

Lourdes López, Mónica Bustamante, Noemí Pérez, Vanessa Emina, Pablo Javier Pérez, Adriano Borges, Valdilene Oliveira

Colaborador especial

RAMÓN

Cabeçalho e Portada

Aida García Pinillos

Idea do projecto, assessoramento jornalístico, desenho e maquetização

Isaac Macho e Ignacio Gil Zarzosa

Agradecimentos

Ayuntamiento de Burgos, Junta de Castilla y León, Eurobook, De-seovino, Papelería Lesmes, Pescadolid C.B., Carnicería Gutiérrez, Dibujo Técnico / Mecánica - Zamora

Edição

Escuela Oficial de Idiomas-Valladolid (España) e a Universidade da Beira Interior-Covilhã (Portugal)

Judeus em Trás-Os-Montes



Há dois Carção. Uma invisível, mas no-jenta e envergonhada fronteira, como todas as fronteiras, divide os Cabrões e os Judeus

CONCHA LÓPEZ JAMBRINA

A praça de Carção, pequena aldeia do concelho de Vimioso no distrito de Bragança, tem uma pedra com nomes gravados. É uma testemunha do horror que viveu a aldeia, onde foram justicadas até 130 pessoas. Mas é também uma homenagem ao feito das gentes. Homens e mulheres capazes de defender a sua maneira de viver. Os de Carção, lá diz o monumento, não costumam dobrar a cerviz.

Porém, passeando pela aldeia, Carção oferece também outra testemunha. Há dois Carção. Uma invisível, mas no-jenta e envergonhada fronteira, como todas as fronteiras, divide os Cabrões e os Judeus.

A praça é para os almocreves, esses que podem fazer fortuna com a posse só de uma mula. Esses que têm jeito para se desenrascarem. Os outros que viviam nos arredores usavam o cabesto na lavoura.

É a prova clara da importância das fronteiras. Não devem ser derrubadas,

pois embora possam parecer incómodas fazem a sua missão. Garantem elas a existência do UM, isto é, UMA PÁTRIA, UMA RELIGIÃO. Em caso contrário, era tudo em volta anarquia e desordem.

Hoje sabemos que até ao início do século XX havia em Carção formas de vida judaizante. Recomendo vivamente dois livros: “Carção. A capital do Maranismo” de António Júlio Andrade e Maria Fernanda Guimarães. E “Tempo de Fogo” de Amadeu Ferreira. Foi neles que encontrei deliciosas histórias. Por exemplo, a história na qual Ana, que tinha dez anos e era filha de Francisco Fernande foi acusada de “fazendo o sinal da Cruz, e, em vez das palavras correspondentes dizer outras nos seguintes termos: Deus, dá-me o maná, que se me não dás o maná, hei-de tornar-te a crucificar.

* CONCHA LÓPEZ JAMBRINA é chefe do departamento de Português na E.O.I.-Valladolid

Sobre números y ‘personas humanas’

FRANCISCO JOSÉ FIDALGO ENRÍQUEZ

Estimados lectores, háganme caso, si tienen un nombre, olvidenlo y cámbienlo por un número. Si de algo sabemos en la península ibérica es de números y más con la crisis: el número de la prima de riesgo, número de parados, número de dinero que nos deben y que debemos, número de dinero que nos roban los hombres públicos (también las mujeres), porcentajes varios de diversos números y el ‘número del éxito’. No crean que este último se trata del número de un sorteo multimillonario sino del número de alumnos aprobados y suspendidos.

Algunas instituciones de enseñanza cifran, y no es una metáfora, la calidad en la cantidad, quizás por la similitud fonética sean incapaces de diferenciar el significado. Así, califican de asignaturas ‘críticas’, vil anglicismo, las que no obtienen el ‘número del éxito’ que, por cierto, no tiene como objetivo crear

alumnos críticos, ahora sí en castellano derecho.

En estos tiempos numéricos, quizás aquello de ‘personas humanas’ no sea tanta redundancia, o ‘rebuznancia’, pues somos cada vez menos humanos y más numéricos. La deshumanización que preconizaba Kafka ha sido reemplazada por una numeración. Incluso la lucha de clases de Marx ha dejado de ser humana para convertirse en la lucha entre la primera clase y la tercera, con cada vez menos atisbos de la segunda. Parece el signo de los tiempos que lo medio, lo mediano, el justo medio, las clases medias desaparezcán... Ya saben, o excelencia o burricie, o César o nada...

Y todo esto, estando a la cola del aprendizaje de las matemáticas y siendo cada vez menos ‘personas humanas’ y más ‘personas numéricas’.

* FRANCISCO J. FIDALGO es lector de Español en la U.B.I.-Covilhã



En estos tiempos numéricos, quizás aquello de ‘personas humanas’ no sea tanta redundancia, o ‘rebuznancia’

E LISBOA, como e que é?

AIDA GARCÍA PINILLOS

A chegada à nuvem

Senti a minha cabeça abanada pelo movimento do comboio. Abri um olho e vi-me envolvida por um denso nevoeiro. Só alguns bocados de vegetação apareciam aqui e ali entre a bruma.

Dez minutos mais tarde apareceu a urbe, de maneira súbita, em forma de estação. Ao sair apanhei um táxi e no meu –naquela altura- mau português, e com certas dificuldades consegui dizer ao motorista a morada para que tinha de ir. Na viagem ele tentou falar comigo, mas ao ver o número de vezes que tinha de repetir cada palavra para eu perceber, o engraçado homem brasileiro desistiu.

Fizemos, portanto, o trajecto sem falar. Eu tentando ver alguma coisa da cidade (o que não consegui por causa da espessa névoa), e ele a cantar alguma alegre canção da que já não me consigo lembrar.

Acordar em Lisboa

Subi as estreitas escadinhas até ao segundo andar, deitei-me na cama e acordei numa cidade espectacularmente branca. Feita toda ela de mármore. Ora cheia de sol, ora de chuva. Com avenidas senhoriais, de nobres edificios em cores pastéis e grandes parques. Com bairros de ruas estreitas, repletos de esquinas, becos e gatos. Não demorei em reparar que ela mudava de uma rua para outra tal qual o seu clima o fazia de um minuto para o seguinte.



Gente, cultura e demais

A gente nesta cidade era séria. Isso achei-o, nos seus rostos, ao apanhar o eléctrico pela primeira vez ... mas só depois, ao conhecê-los, percebi que só eram calmos. Que gostavam de se deitar, compreender e implicar com os outros mais devagar do que nós, os espanhóis (em geral).

Por acaso, algumas das coisas que temos ouvido acerca deles são tópicos. Mas outras não o são assim tanto... É difícil falar de um povo com tão grande tradição nas suas costas. Com tão grande mistura de culturas nas ruas, na gastronomia e na música. Peço desculpas por, se calhar, pouco o clarificador no texto, mas o único que posso fazer através deste breve escrito é convidar-vos a vir cá para o verem vocês próprios. Com certeza vale a pena.





As aventuras duma espanhola na cidade da luz

SARA ARRANZ VILLAZÁN

Faz mais de dois anos que cheguei a Lisboa, carregada com as malas, um sorriso, muitas dúvidas e cheia de ilusão.

A minha experiência de intercâmbio com o país vizinho não podia ser melhor. O dia que abri o e-mail na qual recebia a bolsa Erasmus não podia pensar que aquele ano seria O ANO. Em princípio morar em Lisboa era quase não sair de Espanha, mas não podia ficar mais enganada.

A vida académica de Lisboa surpreendeu-me imenso, já na primeira semana conheci os caloiros e suas festas. Mais à frente nós vivemos as semanas académicas de Lisboa e de Coimbra, só nos faltou a semana de Aveiro. A melhor sem dúvida nenhuma foi a festa de Coimbra, com o concerto do grande Quim Barreiros.

Tirei na Universidade Lusíada de Lisboa as últimas cadeiras do meu curso, Serviço social, onde partilhei aulas com colegas de todos os anos, e graças a eles e a ajuda dos professores a integração foi muito mais simples.

Fiz o meu estágio no Hospital Curry Cabral, onde também tenho de dizer que a paciência e a vontade de todos de ajudar-me foram quase infinitas. No hospital foi onde verdadeiramente aprendi sem opção a não aprender a língua, e convivi e trabalhei com portugueses, angolanos, cabo verdianos, brasileiros...

A palavra que mais tenho ouvido desde a minha volta foi “saudades”. Foi Lisboa quem me deu o sentimento? Foi o país? Foi o fado? O Tejo? A luz da cidade? As pessoas que ali conheci?...Deixei a resposta naquela casa de Terreiro do Paço, que olhava para o rio, que ouvia a música nas festas da sar-

dinha, que tinha o sol o dia inteiro a vigilar.

O melhor que me levei foram as saudades, nunca uma palavra tinha para mim em si mesma todo o que eu sentia e sinto. Só ali era um dever passear pela Baixa todas as manhãs para apanhar o autocarro, que luxo! Que prazer quando deixas de ser turista para sentir Lisboa como tua, quando és capaz de chegar caminhando sozinho até ao miradouro da Graça e não te perdes, e percebes o

que quer dizer a “calma portuguesa”.

Ainda sofro a chamada “depressão post-erasmus”, e da sabedoria duma rua de Cascais fico com esta frase: É fácil lembrar, mas difícil esquecer. Assim recomendo a todas as pessoas conhecer Lisboa, Portugal, a gastronomia lusa, tomar alguma SuperBock, e sentir o vento do Atlântico enquanto se espera o anoitecer.

Aquele ano em Lisboa fiz-me ser um bocado mais o que agora sou.

NO HOSPITAL FOI ONDE VERDADEIRAMENTE APRENDI SEM OPÇÃO A NÃO APRENDER A LÍNGUA, E CONVIVI E TRABALHEI COM PORTUGUÊSES, ANGLANOS, CABO VERDIANOS, BRASILEIROS...



Un nuevo amor



MIGUEL MARCOS

Casi toda la gente, salvo raras excepciones, como en todo, cuando nace ya tiene un amor absoluto y un cariño especial por sus padres. A lo largo de los años logramos nuevos amores, sean amigos, novios o novias.

Con los países pasa lo mismo, nuestro país siempre será nuestro primer amor, nuestro padre y familia, pero quien va a vivir en otro país durante algún tiempo puede descubrir una nueva amistad. Eso fue lo que me pasó, tras vivir ya 3 meses en España. Aunque sea el país de "nuestros hermanos", es un nuevo país a descubrir.

Se preguntará el lector por qué vine a vivir a España. Pues yo estudiaba el castellano en Portugal, y finalizada mi carrera decidí concursar con las becas del gobierno español para trabajar como auxiliar de conversación de portugués. Logré quedarme con la vacante en la E.O.I de Mérida. Puedo decir que además de ser una de las ciudades más bonitas que he visitado, tiene también mucha histo-

ria, y en cada esquina de la ciudad hay vestigios romanos que nos enseñan algo de su historia y también de España.

Aunque me quede mucho por visitar en España, sí puedo decir que fue en esta ciudad donde me enamoré de este país. Me enamoré por las tapas, por empezar a comer a las 3 de la tarde hasta las 6, por los bares llenos a las 7 de la tarde, por la fiesta que la gente hace siempre que va de copas o de botellón, por la siesta -aunque también me encanta oír música por la tarde y no puedo porque los vecinos duermen-, por las calles donde hay siempre alguien hablando muy alto, por el silencio en las calles todos los domingos, porque cuando entramos en un bar se oye a la gente hablando y no la música, etc...

ME ENAMORÉ POR LAS TAPAS, POR EMPEZAR A COMER A LAS 3 DE LA TARDE HASTA LAS 6, POR LOS BARES LLENOS A LAS 7 DE LA TARDE, POR LA FIESTA QUE LA GENTE HACE SIEMPRE QUE VA DE COPAS O DE BOTELLÓN, POR LA SIESTA...

Corazón abierto

Debería haber Escuelas de Idiomas también en mi país, pero, sin embargo, es más importante construir estadios de fútbol y carreteras por donde pasa un coche cada 24 horas. Pero hoy no toca hablar de mi querido país. Las clases de portugués están siendo una muy buena experiencia para mí porque con ellas percibo las dificultades de alguien de otra nacionalidad para aprender portugués como lengua no materna, y el problema añadido de producir sonidos que NÓS-OTROS hacemos desde siempre y que nos parecen muy fáciles por lo que pensamos que la gente debería lograr hacerlos a la primera. Pero con la experiencia vemos que el portugués tiene muchas variantes complicadas, y como opinión personal muchas reglas, -a veces discutibles-, que complican este bonito idioma, y sí que es bonito porque la gran mayoría de los alumnos de portugués dicen que adoran su sonoridad. Todavía estoy explorando este nuevo amor, y lo que me puede enseñar, porque solo así nos vamos conociendo mejor. Hay que hacer travesías, hay que conocer nuevos mundos y sobre todo hay que tener el corazón abierto a nuevos amores porque: "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena."(Fernando Pessoa).



A los ojos de un inexperto

FRANCISCO J. M. CRISTÓVÃO

Cuando era niño, empecé a oír a la gente hablar sobre el programa Erasmus, algo que me sonaba ambiguo. ¿Estudiar en otro país durante un tiempo y después regresar al país de origen a la misma rutina? Hace algunos años, esta pregunta llegó a obsesionarme. El conocimiento de nuevas rutas y, consecuentemente, de nuevos laberintos siempre me ha llamado mucho la atención, y creado una enorme curiosidad. Todavía hoy me ocurre. Curiosamente, en dos mil once, mi escuela promovió una conferencia sobre la temática «Erasmus», donde varios alumnos extranjeros nos dieron a conocer su experiencia personal y los conocimientos que adquirieron, además del aspecto de crecimiento personal. A partir de ese momento, la curiosidad y el interés en poder vivir la

experiencia, empezó a perseguirme hasta mi etapa universitaria en la que me encuentro. El próximo año, si todo me sale bien es el último de mi carrera, y me gustaría disfrutar de este programa.

Cambiar de país ya es un hecho que nos suscita algunas curiosidades: ¿Cómo serán las personas? ¿Cómo será el modo de vida? ¿Cómo será el mundo universitario? Pero, lo que importa, efectivamente, son los beneficios que se adquieren de esta experiencia. Pienso que será muy reconfortante poder reunir todo aquello asimilado a lo largo de ese tiempo de “Erasmus” y saber aplicarlo, luego, a lo largo de mi vida. Pero, hasta ahora, solo sigo hablando de ventajas, aunque haya, claro, algunas desventajas y, en ese punto, desde mi punto de vista, el princi-

pal problema reside claramente en las posibilidades económicas de las personas que lo pretendan seguir. Aunque existan becas de estudio específicas para estos programas, el dinero que se percibe, según tengo conocimiento, muy raramente cubre las necesidades básicas, lo que lleva a pensar que no toda la gente podrá cumplir sus ambiciones en este sentido. Pero, si tú eres estudiante y tienes oportunidad de hacerlo y, a la vez, dispones de posibilidades económicas para ello, -aunque sean mínimas-, no lo dudes un instante y aunque tengas que realizar un esfuerzo añadido, piensa en el futuro y arriésgate. Oportunidades como estas, no las debemos desperdiciar. Algún día, pueden marcar la diferencia, y, sin duda, nos habrán sido muy útiles.



A vida tranquila



ADRIANO BORGES

Nos primeiros dias foi bastante complicado. Não conhecia nada da cidade, andava sempre perdido pelas ruas e como sabia muito pouco do idioma, tinha dificuldades em conversar e procurar informações. Aos poucos fui-me habituando ao clima. Até então não sabia o que era “frio” e tenho sorte em morar num apartamento mesmo em frente à Escola. Hoje já estou bastante habituado à rotina de um estudante estrangeiro em Valladolid. Costumo “sallir de tapas” e de “copas” quase todos os fins de semana e também andar pelas ruas para visitar amigos a qualquer hora do dia. Uma das melhores coisas de morar aqui é o fato de tudo ser perto, e poder resolver tudo a pé. Sei que quando voltar para o Brasil vou sentir falta desses costumes típicos, e principalmente da vida tranquila do vallisoletano.

* 21 anos, erasmus brasileiro de Arquitetura-UVA

Ao começo um carço



VALDILENE OLIVEIRA

Valladolid foi escolhida por ser uma cidade pequena e fazer parte de Castilla y León (no castelhano), além de ser uma das opções disponíveis para o meu curso. Os primeiros dias não foram bons porque não falava bem o espanhol e nas aulas não entendia muita coisa, então comecei um curso da língua. Conheci outros brasileiros, passamos a dividir as nossas dificuldades e ir a festas. A cidade é bonita, tem história e uma rica gastronomia, com excelentes vinhos. As áreas de lazer são bastante atrativas e é quase impossível não sair para os muitos ‘bares de tapas’. A vontade de estudar perde-se no meio de tantas novidades, mas este intercâmbio está sendo uma grande experiência.

* 23 anos, erasmus brasileira de Física-UVA

O valor económico da língua portuguesa

BELÉN GONZÁLEZ

O desenvolvimento dum país depende do valor da sua economia e da sua sociedade, da ciência e da cultura que produzem os seus cidadãos, e essas atividades expressam-se, geralmente, na língua do país. Também a prosperidade económica, a criatividade cultural e o desenvolvimento tecnológico são os melhores sustentos para a expansão duma língua. Mas também é possível que uma língua se possa tornar motor de crescimento e elemento criador de vantagens competitivas para um país ou países.

Tendo em conta a dimensão da comunidade de falantes de português é preciso questionar sobre a importância da língua portuguesa como língua global. E não só como elemento estratégico de preservação identitária mas também como um valor económico agregado.

Recentemente uns estudos têm determinado que o valor económico da língua portuguesa representa, em Portugal, 17% do Produto Interno Bruto (PIB) e o que, a atividade económica gerada no mundo de expressão portuguesa representa 4,6% do PIB mundial.

Segundo os dados de 2010, o português é falado por mais de 253,7 milhões de pessoas, isto é 3,6 % da população do globo. Oito países têm-no como língua oficial, além de países que contam com grande número de imigrantes que trazem o idioma como língua de herança. Estima-se que haja mais de 10 milhões de pessoas (4,5 milhões de portugueses, três milhões de brasileiros e outras nacionalidades) que falam português fora dos seus países de origem.

Nesta sociedade de conhecimento não se pode esquecer o uso do português em produção de conteúdos na internet que chegou a ser a 9ª língua na internet em 2011 assim como o destaque do uso maciço do português das redes sociais.

Por enquanto, o Brasil afirma-se como o maior embaixador do idioma. De cada dez falantes do idioma no planeta, pelo menos sete são brasileiros. Os dados colocam o português na quinta posição de mais falada no mundo, mas o que tem feito crescer o português aos olhos dos estrangeiros é o destaque do Brasil, como parte do BRIC, grupo de países em desenvolvimento que inclui também a Rússia, Índia e China (daí a sigla), considerado também o “país do futuro”. Por



Patricia de Cos
decospg@gmail.com

isso, a tendência é que a demanda do uso da língua cresça ainda mais até 2050, considerando-se ainda o crescimento de Angola, em detrimento da depressão europeia.

Vários países de língua oficial portuguesa têm vindo a tornar-se atractivos para os investidores e empreendedores. Por este motivo, assistimos a um interesse crescente pela língua portuguesa. Percebe-se que o domínio do português potencia oportunidade de negócio e, por esse motivo, países como a China escolheram a aprendizagem da língua de Camões como objectivo estratégico. Há muitos falantes de português no mundo que ocupam posições de direcção em empresas mundiais e que vão ser usados como agentes de uma nova diplomacia. O português surge como língua privilegiada no trato e transmissão de ideias e produtos.

Nos últimos tempos, instituições públicas e privadas começaram a ser conscientes do potencial económico da língua portuguesa, o que têm provocado numerosos estudos, livros, palestras e investigações para tentar obter o maior benefício possível a esse valor intangível e único especialmente neste momento de crise.

25 anos

ANA ANDALUZ

As Escolas Oficiais de Línguas de Espanha formam uma rede de centros de ensino de línguas modernas de nível não universitário. Ainda que a primeira delas tenha começado, em Madrid, no ano 1911, foi apenas em 1960 que começaram a funcionar noutras cidades. Quase três décadas depois, em 1987, inauguraram a de Valladolid. Nestes 25 anos a escola de Valladolid capital teve três sedes. Atualmente, desde 1994, situa-se no Bairro das Delícias.

Desde então o número de alunos não parou de crescer, alcançando na atualidade a cifra de 4328 pessoas, abrangendo estudantes com idades dos 14 a mais de 70 anos, a estudarem alguma das línguas: Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Chinês, Português e Espanhol para estrangeiros espalhados pelos três estabelecimentos que temos em Valladolid: uma na capital e as outras duas em Laguna de Duero e Medina del Campo. A língua portuguesa foi incluída no ano de 2005 e neste momento somos por volta de 200 alunos distribuídos em 6 níveis.

Estamos, portanto, de aniversário e para o festejar, a escola vai organizar durante os dias 6, 7 e 8 de Março diferentes eventos entre os quais haverá um acto institucional com a presença de autoridades da nossa comunidade autónoma e com uma palestra inaugural. Teremos também mesas redondas, ateliers para alunos, filmes em V.O, peças de teatro, dança clássica, música, concursos, assim como a exposição dos micro-contos que foram a concurso participados pelos alunos, atividades essas que, com certeza, terão um grande sucesso. Parabéns!



Contra el mito de Babel



MÓNICA BUSTAMANTE

Por la Biblia sabemos que desde hace más de 4000 años, los idiomas se crearon como un castigo al ser humano por la falta de comunicación al construir, alegóricamente, la torre de Babel. Entonces, ¿habría una lengua única? ¿Sería pensable que hoy todos pudiéramos entendernos en un solo idioma y en todos los lugares del mundo? No perdamos el tiempo por este camino... Felicitémonos, profesores y

alumnos de las Escuelas Oficiales de Idiomas por lo inevitable: se hablan miles de lenguas diferentes y la manera de comunicarnos con nuestros semejantes es cultivando otros lenguajes.

Pero el concepto del idioma ha cambiado mucho, las necesidades son otras y las metodologías de aprendizaje así lo demuestran. Antiguamente, los idiomas modernos se estudiaban igual que las lenguas muertas: se limitaban a vocabulario-gramática-traducción. ¿Cuántos de nosotros, tras haber estudiado francés o inglés durante años en el colegio, hemos llegado a Francia o a Gran Bretaña y no hemos sabido pedir un café?

Era frecuente estudiar lenguas como algo decorativo: de ahí que hubiera más mujeres que hombres en las aulas. Bastaba demostrar que se sabía traducir cuatro modismos para aprobar. Y las consecuencias de todo ello todavía son visibles en nuestra sociedad: sobran ejemplos de personas incapaces de hablar un idioma, que no sea el suyo, en la vida pública o en su entorno. Las lagunas en el sistema de enseñanza obligatoria son profundas. Baste mencionar la inexistencia de una prueba de producción oral en los exámenes de selectividad. Un currículo sin idiomas es un aspirante a empleo sin opciones. De los pocos elegidos de hace un siglo a los miles de estudiantes actuales, las Escuelas Oficiales de Idiomas han sido generadoras de generaciones de políglotas contra el mito de Babel.

* MÓNICA BUSTAMANTE es jefe de Estudios y jefe de Coordinación Pedagógica de la EOI-Valladolid.



O que fazemos e falamos

Pelo São Martinho festejamos o nosso magusto com relatos, castanhas e vinho, como impõe a tradição.

Depois pudemos desfrutar de duas palestras preparadas por alunas do 2º. de Avançado: a da Carmen Brugman, que falou com grande entusiasmo da Fundação Calouste Gulbenkian e das pintoras portuguesas Paula Rêgo e Maluda e a da Asunción Cuadrado que nos revelou os seus grandes



conhecimentos musicais com um tema não muito conhecido mas não menos interessante: o órgão ibérico.

ANA ANDALUZ

Nesta altura todos conhecemos a precariedade do orçamento da nossa escola: “não há dinheiro para quase nada” - disseram-nos, com pena, as professoras. Contudo, com grande entusiasmo e recorrendo aos seus numerosos contactos e amizades, elas têm arranjado palestras, actuações musicais e demais eventos que completam o nosso calendário cultural. Temos, portanto, de lhes estar agradecidos bem como àquelas pessoas que vêm partilhar connosco o seu saber de maneira desinteressada, invulgar qualidade nos tempos atuais.

No princípio do ano veio falar-nos a jornalista Virginia López sobre o seu livro “De Espanha nem bom vento nem bom casamento”, expressão que embora conhecêssemos, não compreendíamos na sua total dimensão e que tem a ver com os inúmeros casamentos reais ibéricos que ao longo da história se fizeram por questões políticas e que tiveram um resultado desigual.

PELO SÃO MARTINHO FESTEJAMOS O NOSSO MAGUSTO COM RELATOS, CASTANHAS E VINHO, COMO IMPÕE A TRADIÇÃO



Visita adiada

Para o dia 23 de Janeiro esperávamos com ilusão José António Pinho que vinha da Covilhã, acompanhado com uns cantores, para falar sobre o sugestivo título “Vale a pena lutar pela liberdade”, mas, infelizmente, a visita teve de ser adiada pelas intensas nevadas que caíram, naqueles dias, no norte de Portugal e que desaconselharam a viagem.

Proximamente teremos a interessante palestra de Sofia Dias Oliveira sobre os mitos portugueses na atualidade, à que se seguirão outros eventos que, embora não estão ainda totalmente concretizados, com certeza contribuirão para aumentar o nosso conhecimento da língua e da cultura portuguesas.



JULIO FERMOSE, DOCTOR HONORIS CAUSA POR LA UNIVERSIDAD DE BEIRA INTERIOR (UBI). COVILHÃ

“La tercera revolución facilitará el trabajo de los universitarios con más tiempo para la autoformación”

En octubre del pasado año, Julio Feroso, -r
tor de la UNESCO y miembro activo de diver
nombrado doctor honoris causa por la Univer
la implantación de los estudios de Medicina

ISAAC MACHO

Pregunta.-¿Qué significó para usted ese reconocimiento?

Respuesta.-Acepté la distinción como una expresión de agradecimiento por el trabajo que había desarrollado en la UBI para instalar unos nuevos estudios y con nuevos criterios, lejanos al modo tradicional de enseñar Medicina, más insertado en los Centros asistenciales de la Comunidad y con participación de los sectores sanitarios y de Salud Pública, en general. El doctorado *honoris causa* traducía una gratitud, que acepté pero nunca en soledad, sino con el amplio grupo de personas e instituciones que empujaron en la misma dirección para hacer realidad el objetivo. Todos bajo la dirección de las autoridades académicas que impulsaron el proyecto.

P.-Las universidades suelen situarse en grandes ciudades, pero no es el caso de Covilhã. ¿La calidad universitaria están reñida con campus de escaso alumnado?

R.-En absoluto. Uno de los determinantes de la calidad en los procesos de formación es huir de la masificación y lograr adecuadas ratios profesor/alumno. Precisamente se impulsaron los nuevos estudios de la licenciatura de Medicina, limitando el número de alumnos de nuevo ingreso, para conseguir un aprendizaje más personalizado, dando más papel al profesor en su vertiente de tutor, de facilitador del aprendizaje, que en el de enseñante.

P.-¿Qué papel le corresponde jugar a la facultad de Medicina de la UBI?

R.-Una característica sociodemográfica de Portugal es la mayor concentración de población en su franja próxima al mar, con despoblación en su zona interior. El im-

neurólogo, catedrático y ex rector de la Universidad de Salamanca, ex consultor de organismos europeos y latinoamericanos, ex presidente de Caja Duero, fue presidente de Beira Interior por su labor científica y su destacado papel relevante en la UBI.

plantar determinados estudios de clara demanda social –y no solo de la zona– en regiones del interior favorece compensar los desequilibrios poblacionales. Esos estudios estimulan, además, a las regiones en las que se implantan, porque atraen alumnos y profesores de otras regiones del país. En el caso de las ciencias de la salud, además sirve para desarrollar los servicios de prevención y asistencia, que ganan en calidad cuando suman una vertiente de formación a sus responsabilidades básicas.

P.-¿Hay diferencias formativas entre los estudiantes de Medicina de España y Portugal?

R.- Considero que el nivel en el que se marcan diferencias del profesional de salud en su formación y entrenamiento es el del postgrado. Pero ni dentro de un país ni entre dos países de la misma órbita de desarrollo socioeconómico existen datos que corroboren la existencia de una notable diferencia de formación en los estudios de grado.

P.-¿Qué espera de la tecnología aplicada a la medicina?

R.-La enseñanza online y el apoyo que significan las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) permiten que sea mayor el periodo de autoaprendizaje del alumno y que facilite el acceso a cualquier fondo de información, teniendo la biblioteca y las fuentes para su aprendizaje en su misma casa, en su computador portátil, en su tableta y hasta en su teléfono. Problemas tan concretos como la necesaria formación práctica clínica, que pasa por tener la oportunidad de ver manifestaciones clínicas en los enfermos en el medio sanitario, en el Centro de Salud o en el Hospital, ahora se ven facilitados al poder tener un acceso universal y

gratuito a bases de imágenes y de vídeos que están en la red.

P.-¿La universidad del futuro será online?

R.-Creo que seguirán pasando siglos y seguirá siendo imprescindible la formación como un verdadero “ayuntamiento” de maestros y escolares, que ya reivindicó el rey sabio. Lo que marcan las TIC como auténtica revolución, la tercera revolución, es el facilitar el trabajo de los actores en el proceso de aprendizaje, dedicando más tiempo a la autoformación, facilitando la proximidad de alumnos y profesores para hacer más labores de tutorías, de ayuda. Pero las TIC no suplantarán al profesor.

P.-¿Por qué las universidades españolas figuran alejadas de la excelencia en relación a sus homólogos europeos?

R.-Los sistemas universitarios están, por lo general, insuficientemente financiados y, además, necesitados de las imprescindibles reformas que modifiquen los esquemas normativos que un día sirvieron para conseguir unos niveles de formación postsecundaria a amplios segmentos de la población. Y peor aún: no estimulan ni priman las actividades de producción científica, de investigación, innovación y transferencia. Cuando se analiza calidad universitaria en países más avanzados, tampoco hay que olvidar que se mira a un escaso número de instituciones que reciben una altísima financiación, pero se ignoran centenares de universidades, de esos mismos países, en niveles muy inferiores de calidad.

P.-¿Existe suficiente cooperación entre las universidades ibéricas y las de América Latina?

R.-La proximidad de culturas y la

identidad de lenguas facilita mucho la cooperación y acerca las largas distancias que el mar contempla entre nuestra península y los países de Latinoamérica. Es una permanente acción la que se sigue desde hace décadas en el sentido de seguir cooperando, de aprovechar todo lo mucho que hay de unión, pese a la escasez de recursos. Nuestras universidades de Salamanca y Coimbra recibieron en 1986 el premio “Príncipe de Asturias de Cooperación Internacional” de manera conjunta, precisamente por el impulso a esa colaboración con los mundos americanos latinos.

P.-Médicos de España, Irlanda, Grecia y Portugal han lanzado un SOS a las autoridades comunicarias denunciando que las actuales restricciones tendrán graves consecuencias sociales y sanitarias. ¿Está en peligro nuestra salud?

R.-Se resentirá el elevado y eficaz nivel de asistencia logrado en las últimas décadas. Aumentarán los periodos de espera para una atención diagnóstica y terapéutica. Pero desde los altos niveles de calidad conseguidos se habrá de procurar que siga siendo diligente y eficiente la atención a prestar a dolencias de consideración preferente por su gravedad o por la necesidad de atención sin demora.

P.-El 55% de los jóvenes españoles, la mayoría con estudios universitarios, están en paro o tienen que buscar trabajo en otros países. ¿Qué le dicen estas cifras?

R.-España y Portugal fueron en el pasado siglo emisores dramáticos de emigrantes. Después, receptores de poblaciones del sur que llegaban a buscar nuevos horizontes. En ese ir y volver de la historia, sufrimos una época que nos devuelve a los años más duros del siglo XX.



O Risco de Tsunami em Portugal

RAÚL GUTIÉRREZ PÉREZ

Tanto as costas de Portugal continental, como os arquipélagos (Açores e Madeira) são susceptíveis à ocorrência de tsunamis. O risco mais elevado está no sul, na costa ocidental do Alentejo, Algarve, e na Grande Lisboa. No resto do país o risco é médio ou pequeno, mas não há risco zero.

O famoso “Terramoto de Lisboa” (1755) é o que mais informação nos dá devido à sua intensidade, às suas consequências e porque é relativamente recente. No entanto, há outros registos históricos, científicos e arqueológicos que mostram que Portugal foi atingido por ondas de tsunami em outras ocasiões.

Desde o primeiro registo histórico documentado em Portugal continental datado o ano 60BC existiram uma série de acontecimentos, alguns deles trágicos.

Há tsunamis de carácter local, tais como os ocorridos nos anos de 1531 e 1926 no Estuário do Tejo, causando danos nos barcos e inundando partes de Lisboa e povoações na imediações do Tejo. Em 1722 o Tsunami de Tavira (Algarve), que afetou todo o Algarve, ou em 1930 no Girão (Madeira) consequência dos movimentos de vertentes em arribas com dezenas de mortos.

Embora tenham existido nessas datas em Portugal, o pior episódio aconteceu o dia 1 de novembro de 1755, com o “Terramoto de Lisboa”. Este sismo, gerou um tsunami que atingiu as costas portuguesas (incluindo Açores e Madeira). Tendo consequências políticas, sociais e económicas no país.

Preparado?

Portanto é errado pensar que Portugal não vai ser atingido por um tsunami. Por isso é importante perguntar. Está Portugal preparado para a ocorrência de um tsunami?

A resposta é que o país não está preparado. É previsível um colapso dos prédios, infraestruturas e equipamentos (hospitais, polícia, bombeiros, proteção civil...). Além de que a população não tem conhecimento de como atuar ante um evento desta magnitude.

As consequências podem ser dramáticas para Portugal, com um impacto económico equivalente a um ano de riqueza, destruindo parte do tecido produtivo, além de previsíveis mortes (de 17.000 a 27.000 óbitos).

Em Julho de 2010 todos os partidos votaram, uma recomendação ao governo, para que se crie com urgência um plano nacional. Mas o governo limitou-se a propor um modelo de seguros, para indemnizar os prejuízos materiais. O curioso do assunto é que quando o sismo chegar, a Assembleia da República vai ficar de pé, porque recebeu obras de reforço anti-sísmico.

Contudo, depois do tsunami da Indonésia a UNESCO quer instalar um sistema de alerta de tsunami no Atlântico Nordeste e no Mediterrâneo, Também se estão a promover atividades (simulacros, instruções à população, etc.) com o objetivo de consciencialização da população e que tenham o conhecimento de como atuar ante este risco.

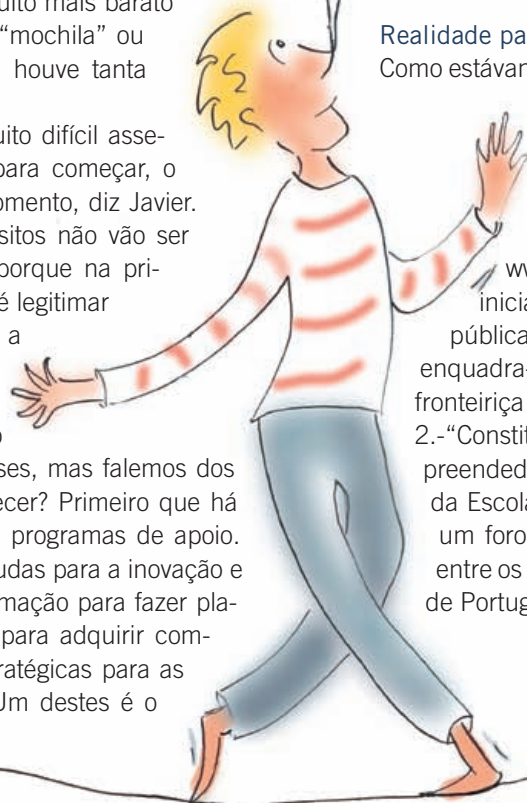
Apesar disto, Portugal ainda tem um longo caminho por percorrer em matéria de tsunamis, para reduzir e mitigar os efeitos dum futuro tsunami.

Empreendedores na Espanha e Portugal

JULIA M^a MOLINA GONZÁLEZ

Queres fazer as coisas de doutra maneira? Vês possibilidades de melhoras em todos os lados? Gostarias de ser O teu próprio chefe? Então é possível que sejas um ou uma empreendedor/a. E o bloguista Javier Megias (<http://javiermegias.com/blog/2012/11/peor-epoca-para-emprender-de-la-historia-ola-mejor/>) anima-os, e diz que esta é uma boa altura para fazer empresas novas, ainda que a crise seja muito profunda. As razões são: os consumidores deixaram de estar submetidos às grandes marcas, sendo muito mais barato o começo; não tens uma “mochila” ou herança que gerir; nunca houve tanta informação.

Ainda que de facto é muito difícil assegurar um financiamento para começar, o certo é que é um bom momento, diz Javier. Além disso, os teus requisitos não vão ser muito altos no princípio, porque na primeira etapa o teu objetivo é legitimar o teu negócio. Assim que a tua preparação acabar, a situação económica vai melhorar também. E isto acontece em todos os países, mas falemos dos nossos. Que está a acontecer? Primeiro que há em ambas iniciativas com programas de apoio. Portugal e Espanha têm ajudas para a inovação e empreendedorismo, formação para fazer planos de negócio e para adquirir competências estratégicas para as PME. Um destes é o



projeto Oportunidade 2020. Na revista Inovação e empreendedorismo podemos ler: “As próximas iniciativas relativas ao projeto

Oportunidade 2020”. Ajudar jovens empreendedores a criarem o seu plano de negócios é o objetivo do projecto ENTREplorer “Serius Game for Immersive Entrepreneurs”, desenvolvido por um consórcio liderado pelo Núcleo de Investigação em Políticas Económicas da Universidade do Minho. Outro exemplo do que nós falamos é esta notícia: “Jovem agricultor português vence prémio de Projecto Mais Inovador da Europa” (público.pt). Jovem agricultor é responsável por 12 estufas de morangos. Técnica em aeroponia valeu-lhe o prémio.

Realidade partilhada

Como estávamos a dizer, há iniciativas para ajudar, e há iniciativas partilhadas entre nós, espanhóis e portugueses. Alguns exemplos são estas notícias: 1.- “Mais de mil pequenas e médias empresas beneficiaram do projecto Time Pyme” (<http://www.europapress.es/castilla-y-leon>), uma iniciativa de colaboração entre administrações públicas de Portugal e Espanha. A iniciativa enquadra-se no programa de Cooperação Transfronteiriça Espanha-Portugal 2007-2013 (POCTEP). 2.-“Constituida em Valladolid la Red Ibérica de Empreendedurismo y Liderazgo”. A iniciativa surgida da Escola de Negócios CEU pretende estabelecer um foro permanente de encontro e participação entre os empreendedores do Norte de Portugal e Castela e Leão.

PK
Patricia de Cos
decospg@gmail.com

Imaginar, acreditar, planear, arriscar, investir são verbos que têm a ver com os empreendedores. Sempre houve e sempre haverá, mas falamos deles nesta altura talvez à procura de soluções para esta crise.

O RIO DOURO, OS SEUS VINHOS E AS SUAS PERSONAGENS

D. Antónia Adelaide Ferreira



FRANCISCO JAVIER ORTEGA GONZÁLEZ

Conheci Portugal tarde, a primeira vez que fui tinha 62 anos, e é uma coisa que lamento profundamente. Da primeira visita e, em agradecimento pelo trato recebido, tomei a decisão de aprender o idioma português. O primeiro livro que tive a oportunidade de ler foi o romance A fúria das vinhas, cujo autor, Francisco Moita Flores relata as peripécias que sofreram os viticultores nos finais do século XIX com a terrível filoxera.

Fiquei impressionado com a figura de Dona Antónia Adelaide Ferreira, “a Ferreirinha”, e decidi pesquisar um pouco sobre ela.

Tinha Dona Antónia quarenta e dois anos quando herdou, á morte do seu pai, uma grande fortuna. Desde menina sempre ficou perto do seu pai, de quem tinha aprendido o importante que era a generosidade para com o próximo e também a esperança quanto às adversidades, e por isso, quando a morte chegara ao sangue da sua terra na forma de insecto, não consentiu em vender as quintas afectadas pela praga, com o que teria que despedir os seus caseiros e as famílias a quem davam trabalho.

Dona Antónia tinha uma propriedade no vale do Meão, que eram antigos baldios de Foz de Côa, comprada tempo atrás pelo seu segundo marido, falecido já,



TINHA DONA ANTÓNIA QUARENTA E DOIS ANOS QUANDO HERDOU, Á MORTE DO SEU PAI, UMA GRANDE FORTUNA

...

DEFENDEU DONA ANTÓNIA, COM UNHAS E DENTES, A VERACIDADE DOS VINHOS DO PORTO QUANDO, A GRANDE PROCURA DELES, SOBRETUDO PELOS INGLESES, FEZ QUE ALGUNS VITICULTORES PREFERISSEM A QUANTIDADE À QUALIDADE

Francisco Silva Torres, e farta de não receber as rendas estipuladas e de que todo o mundo entrasse nelas, bem com os rebanhos, ou a roubar cortiça ou a caçar, decidiu dar por acabado o arrendamento. Os chegados indicaram-lhe que o Meão era coisa brava, cheia de mato e fragas perigosas, mas ela, com a sua coragem característica, estava disposta a fazer dessa terra

a melhor quinta de vinha de todo o Douro. Sentenciou: “Vamos usar bachelos em vez de barbados e não haverá um único que não seja enxertado em cepa americana”.

Vinhas antigas

O trabalho foi terrível e também o investimento de dinheiro e, ademais, também a luta como os próprios vizinhos, donos de vinhedos junto dos seus. O esforço não foi em vão. A construção dos socalcos nas encostas de solo xistoso perduram hoje e são a base dos formidáveis vinhedos da zona denominada “Alto Douro Português”.

Defendeu também Dona Antónia, com unhas e dentes, a veracidade dos vinhos do Porto quando, a grande procura deles, sobretudo pelos ingleses, fez com que alguns viticultores preferissem a quantidade à qualidade.

Não têm esquecida esta grande senhora os seus descendentes e, em honor dela, os seus tetrane- tos criaram na Quinta do

Vallado o “Adelaide 2005” que só será produzido em anos em que as condições sejam excelentes e elaborado a partir das vinhas mais antigas da Quinta, com mais de cem anos e onde estão plantadas mais de 40 diferentes castas. Este reconhecimento engrandece os seus descendentes e põe no seu lugar à grande defensora dos vinhedos, dos vinhos e das pessoas.



Evolução dos microprocessadores e a sua influência na sociedade

AGUSTÍN PÉREZ CANTERO

Os tempos actuais estão marcados pela presença constante das novas tecnologias de informação. As informações são transmitidas em tempo real e o mercado de trabalho funciona através dessa virtualidade. Este espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores, esta virtualidade domina as rotinas quotidianas. E tudo isto começou com o silício e a fabricação do processador. O processo de fabricação de um microprocessador é muito complexo. Tudo começa com um punhado de areia a qual se compõe principalmente de silício), com isso fabrica-se um monocristal de uns centímetros em forma de cilindro, de cada cilindro, obtêm-se milhares de lâminas, e várias centenas de microprocessadores.

O microprocessador, é o circuito mais complexo de um sistema informático, o cérebro do mesmo, composto por milhões de componentes eletrónicos (transistores) e que constitui a CPU ou unidade central de processamento. Sendo a sua função executar os programas nos quais incluem-se sistemas operativos e aplicações, esses programas compõem-se de instruções para fazer operações aritméticas e lógicas (somas, sub-

O MICROPROCESSADOR, É O CIRCUITO MAIS COMPLEXO DE UM SISTEMA INFORMÁTICO, O CÉREBRO DO MESMO, COMPOSTO POR MILHÕES DE COMPONENTES ELETRONICOS

tracções, multiplicações, divisões e os accesos à memória RAM. Essas instruções e os datos que introduzimos no computador se processam de maneira muito rápido, o microprocessador trabalha só com dois dígitos o 0 e o 1, portanto os dados que nos introduzimos são codificados ao sistema binário (0 e 1), e um relógio interno é quem dá o ritmo de trabalho do microprocessador. É justamente o aumento da velocidade e a capacidade cada vez maior de processamento quem têm marcado a evolução do microprocessadores e portanto da informática e tudo o que isto implica.

Primeiro do mundo

A ley de Moore diz que aproximadamente cada dois anos duplica-se o número de transistores num circuito integrado. É uma lei empírica, formulada em 1965, cujo cumprimento se demonstra até hoje.

Em 1971 foi desenvolvido el Intel 4004 o primer microprocesador do mundo, com uma CPU de 4 bits.

Porém já em 2006:, Intel lançou o

Intel Core Duo, a gama de processadores de duplo núcleo, a arquitetura Core voltou a velocidades de CPU baixas y melhorou o uso do processador para a velocidade. Em 2011: o Intel Core Sandy Bridge e com ele, chegam os Intel Core i3, Intel Core i5 e Intel Core i7. estes processadores são conhecidos com o nome de Sandy Bridge. E são a segunda geração dos Intel Core com novas instruções de 256 bits, duplicando a produção, melhorando o rendimento no 3D e tudo o que tem a ver com operações em multimídia.

Em 2012: o Intel Core Ivy Bridge o qual é o nome em código dos processadores conhecidos como Intel Core da terceira geração. são portanto os sucessores dos micros que saíram em 2011. Agora passa-se dos 32 nanómetros de largo do transistor em Sandy Bridge aos 22 de Ivy Bridge. Isto permite pôr o dobro de transistores na mesma zona. Um maior número de transistores faz possível pôr mais blocos funcionais dentro do chip. É assim fazer mais tarefas ao mesmo tempo.

Fundação livros e imperiais

CARMEN BRUGMAN



Pode-se dizer que o primeiro foram as cervejas, não, não e certo ou sim? Melhor, iam juntas o gosto pela leitura, a cerveja e sobretudo é de Portugal, Isto

fez que alguns alunos da escola, deixaram fora dela seus interesses.

Com o decorrer do tempo, com algumas viagens, almoço, conversas nas costas surgiu uma nova ideia, claro, isto com uma imperial na mão... Uma fundação: “livros e imperiais”, tínhamos de ler um livro, depois juntávamos e fazíamos o comentário em português. Assim, ainda que já alguns tivessem acabado na escola não deixariam de falar na língua que nos uniu.

Por fim, há uma semana a ideia materializou-se numa primeira reunião. O livro “Capitães de Areia” de Jorge Amado. Tenho reconhecer que não li, não chegou-me o livro a tempo mas, não era possível na primeira, nem sequer ter lido, fiz batota, vi o filme.

Combinámos na casa da afitriã perfeita, lá estava a nossa leitora e mais experiente no português, o nosso cavaleiro dos dados precisos, a jornalista devoradora de livros, a cantora com a sua guitarra, a professora prémio em organização de viagens, o careca de tantas ideias e como esquecer ao membro da irmandade de lobos e bruxas junto à contadora de histórias.

A mistura das aptitudes de todos fez correr bem a primeira e desejar que chegue a seguinte. Terminou o nosso debate com uma cerveja, virámos para o espanhol logo de ter um novo livro: “A máquina de fazer espanhóis”. Esta vez sim tenho que ler...

UM PONTO DE UNIÃO ENTRE ESPANHA E PORTUGAL

Renault

MARÍA DOLORES CALERO GONZÁLEZ

Em meados do século passado a cidade de Valhadolid era o centro duma região essencialmente agrícola. A sua capital, pouco industrializada, tinha naquela altura por volta de 100.000 habitantes cuja fonte de rendimentos eram a universidade, o exército, a administração do Estado e uma indústria incipiente.

Neste contexto o coronel de armamento e construção, o Exm^o. Sr. D. Manuel Jiménez-Alfaro, criou no ano de 1953 uma grande empresa automobilística: Fasa-Renault. O impulso dado por sua Ex.^a, que foi o seu promotor, transformou a nossa cidade. Agora, mas porque escolheu ele Valhadolid para esta implantação? Acho que por várias razões: em primeiro lugar, pela sua situação estratégica entre Madrid e a indústria do Norte de Espanha, onde ficavam os primeiros fornecedores de peças do automóvel. A seguir, pela sua proximidade ou vizinhança do nó eléctrico da Mudarra. E, finalmente, porque os ateliers da Renfe possuíam uma mão-de-obra muito qualificada.

Por volta dos anos 60 do passado século, com a implantação duma fábrica de motores, Famesa, e mais outra de montagem, Facsa, a empresa chegou a ter 15.000 empregados em Valladolid. A população cresceu espectacularmente e, a indústria auxiliar criou mais de 30.000 empregos indirectos.

Tudo isto fez com que a cidade de Valhadolid se tornasse numa cidade industrial, abandonando o seu carácter tradicional de cidade agrícola e de serviços e passando a ser um dos pontos mais importantes do nosso país e, conseqüentemente, cedo apareceram os sintomas das cidades industriais: uma população obreira mais exigente e reivindicativa; maior e melhor nível de vida e mais nível cultural-industrial.

Guarda e Aveiro

Além disso, é preciso fazer ressaltar que, desde Valhadolid, a Renault lançou-se na implantação de mais duas fábricas até ao nosso vizinho e querido país, Portugal: uma, na cidade de Guarda, dedicada à montagem de carros, e mais outra na cidade de Aveiro, dirigida ao fabrico de motores.

Obviamente a influência destas instalações nas nomeadas cidades foi notável. É um facto que houve fluxos de peças dos fornecedores de ambos os lados, quer espanhóis, quer portugueses. Tudo isso incrementou as relações entre os diversos sectores dos dois países com o conseqüente enriquecimento das duas culturas e costumes nos campos linguístico, turístico, literário, gastronómico, etc.

No entanto, hoje em dia, lamentavelmente, estas fábricas têm sido extintas. Espero que num futuro muito próximo os investimentos da Renault em Portugal influam no desenvolvimento deste país, irmão nosso, que tão preciso é neste momento de crise. Na cidade de Aveiro está a construir-se, nesta altura, uma fábrica de baterias que vai fornecer deste produto os carros eléctricos do grupo de Renault-Nissan.

Esta implantação é o resultado do acordo mantido entre o governo luso e o Exm^o. Sr. Presidente da Renault, esta empresa sumamente nova dará emprego a 250 trabalhadores.

Hoje em dia, a cidade de Valhadolid, com mais de 300.000 habitantes, continua a receber da empresa mais importante de Castela e Leão o impulso que converte a nossa cidade na mais florescente da região, com as suas luzes e as suas sombras, mas com um balanço positivo e optimista.

A língua mirandesa



AMADEU FERREIRA

A língua mirandesa pertence à família de línguas asturo-leonesas e, como elas, é filha do latim. Foi ganhando algumas características próprias a partir da sua integração no reino de Portugal, que nasce com duas línguas. O contacto com o português e o castelhano influenciaram-na, mas as suas características de língua asturo-leonesa mantiveram-se até aos nossos dias, sobrevivendo ao permanente ataque que usou como arma o descrédito, a vergonha, a humilhação, um feito que é um milagre cultural.

A sua estrutura como língua, a situação de diglossia dos falantes, sobretudo a partir dos séculos XV-XVI e o facto de se integrar num amplo espaço de falantes com boas relações sociais e económicas, ignorando as fronteiras políticas, eis as principais razões que permitiram a sua sobrevivência.

É falada por cerca de 7 000 falantes, aí incluídos residentes nas maiores cidades de Portugal e no estrangeiro. Desde 1999 é reconhecida oficialmente, através da lei n.º 7/99, de 21 de Janeiro. É ensinada nas escolas públicas de Miranda do Douro, como disciplina de opção.

De forte tradição oral, é escrita desde 1882, actualmente de acordo com a Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa, publicada em 1999. De então para cá, tem vindo a crescer uma rica e variada literatura mirandesa, e tem uma presença crescente e significativa na internet.

A defesa da língua mirandesa e a sua promoção como língua de Portugal tem vindo a ser levada a cabo pelos seus falantes, num importante trabalho de cidadania. Uma língua que está em dificuldades e condenada a desaparecer, como tudo o que é humano, deve lutar pela vida, como o faz cada um de nós. É um dever cívico defendê-la como elemento da diversidade cultural e linguística de Portugal, como incentivo à tolerância e ao respeito pela diferença, como riqueza conservada pelo povo ao longo de mais de mil anos.

*AMADEU FERREIRA é professor da Universidade Nova de Lisboa, linguista, ensaísta e presidente da Associação de Língua Mirandesa. Tem publicados vários livros.



ALBERTO JAMBRINA

CÁRNICAS
Gutiérrez
 JUSTINO GUTIÉRREZ TASIS

Avda Madrid, 38
 Laguna de Duero :: 47140 Valladolid
 Telfs. 983 54 03 35 :: 983 54 08 83
 carnicasgutierrez@gmail.com

Una sociedad en crisis

GONZALO DANIEL DA SILVA

Hoy en día, podemos ver que hay muchas manifestaciones para que no se recorten los salarios y para que el gobierno no imponga nuevos aumentos en los impuestos de los ciudadanos.

A pesar de todas estas manifestaciones, todavía encontramos a personas que pueden gastar dinero en vehículos nuevos, equipos electrónicos de gama alta, aunque sean prescindibles para el ser humano. A menudo, estas personas quieren demostrar que la crisis económica no les afecta o, simplemente, engrandecerse delante de su núcleo de amigos o de su clase social.

La sociedad demuestra que hay muchas incoherencias con respecto a las protestas/gastos. De alguna manera, tenemos que manifestarnos, en protesta por lo que nos afecta negativamente. Sin embargo, la sociedad no debe hacer manifestaciones y protestas y luego continuar con su vida de una manera natural, como si nada hubiera afectado. Hay personas que empiezan a pasar hambre y a contraer deudas solo porque quieren “mostrarse” a la sociedad. Debido a que la sociedad sigue haciendo su vida normal, a pesar de todas las manifestaciones, los gobernantes siguen haciendo las cosas a su gusto y como desean, ya que nunca saldrán perjudicados.

Una sociedad en la que casi todos vamos detrás de unos pocos. Cuando hay un líder todos lo siguen, todo el mundo tiene miedo de dar la cara para no tener que asumir las responsabilidades posibles. Todo el mundo tiene miedo de enfrentarse al “poder” de los gobernantes por temor a las represalias de que algo no pueda salir bien. Cuando todo va bien, a todo el mundo le gustaría ser líder o haberlo sido.

Esta sociedad es un poco hipócrita e infantil. Por un lado, es hipócrita con respecto a lo que dice de que “hace y sucede” y al final no hace

nada en contra de nadie ni de nada, ni hace que pase nada, porque nada podía hacer. Podemos considerar que la sociedad es algo infantil si miramos a cómo ella se enfrenta a estos acontecimientos. Un exceso de “dejarlo a ver adónde va a parar”, es lo que hay hoy en día.

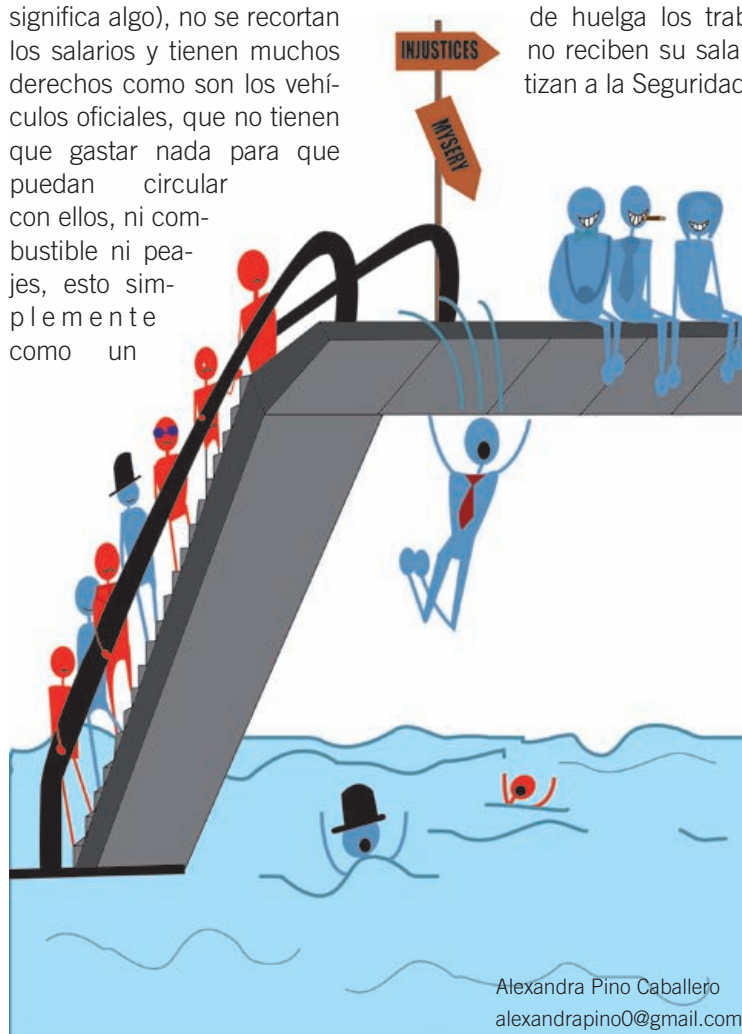
Descontento

Antes de que la sociedad se manifieste, debe considerar bien lo que está haciendo por y contra ella: no solo hacer las manifestaciones, sino empezar a construir algo en ella, promoviendo iniciativas en las que todos puedan cooperar por una sociedad sin corrupción, sobre todo entre los más influyentes y los más poderosos de un país. Podemos ver que los políticos, también trabajadores del estado (si eso significa algo), no se recortan los salarios y tienen muchos derechos como son los vehículos oficiales, que no tienen que gastar nada para que puedan circular con ellos, ni combustible ni peajes, esto simplemente como un

TODO EL MUNDO TIENE MIEDO DE ENFRENTARSE AL “PODER” DE LOS GOBERNANTES POR TEMOR A LAS REPRESALIAS DE QUE ALGO NO PUEDA SALIR BIEN

ejemplo ilustrativo.

Si hubiera un dirigente sindical o alguien influyente en cada país que promoviera incentivos o programas de lucha contra estas incongruencias de las leyes/estado, quizá no serían necesarios tantos gastos pagados por todos los contribuyentes, ya que los sindicatos son para defender a la población contra las situaciones indebidas causadas por el gobierno. Todas estas manifestaciones, por otro lado, sirven para demostrar el descontento de una población triste, pero no olvidemos que el estado ahorra mucho dinero con eso, ya que en los días de huelga los trabajadores no reciben su salario ni cotizan a la Seguridad Social.



El oro que no luce

VIRGINIE ANDRADE

Los problemas más conocidos en Colombia han sido la producción y explotación de coca y cocaína y las rivalidades políticas; sin embargo, ha surgido aún otro problema preocupante: la explotación desmedida de oro.

Una revista que tiene proporciones tan significativas como la nuestra creo que debe intentar intervenir en el mundo; por ejemplo, ayudando a divulgar situaciones alarmantes. Por eso esta vez decidí denunciar una nueva situación en Colombia.

La compra y venta de oro, al contrario de la droga, es legal, y la impotencia e inestabilidad política suponen que se explote de cualquier manera, en cualquier sitio, muchas veces llegando hasta el punto de perder la vida. La extracción de oro es muy exhaustiva. Basta pensar que, para obtener 3 gramos de oro, es necesario triturar una tonelada de piedra.

En el mapa de Colombia dominan la situación general tres fuerzas políticas: el gobierno, los paramilitares y las Fuerzas Armadas Revolucionarias (FARC). El pueblo colombiano está desesperado porque, por una parte, el gobierno quiere extinguir poblaciones para que grandes explotadores internacionales saquen provecho de sus recursos, no dejando espacio a la explotación tradicional.

Por otro lado, se encuentran las FARC, que subyugan a poblaciones “prestándoles” máquinas a cambio de dinero para que consigan extraer oro. Matan a inocentes utilizando como instrumento los ataques terroristas y continúan el comercio de la droga, todo para continuar con la guerra.

En contra de las FARC se encontraban los paramilitares, que eran ejércitos financiados por señores

ricos para que luchasen contra las FARC. El gobierno logró desmantelar esos ejércitos, pero cuando la explotación de oro empezó a crecer, muchos de sus integrantes que pertenecían a los paramilitares empezaron a dedicarse al crimen, ¡matando a gente! Son las llamadas Bandas Criminales Emergentes (BACRIM).

El gobierno ha prohibido coexistir con las FARC a cualquier persona o empresa, pero la miseria es tan grande que las personas se subyugan a las FARC para conseguir dinero más rápidamente. Aunque el gobierno haya reducido el área de actuación de los grupos de guerrillas, no consigue terminar con su influencia.

La compra y venta de oro es legal, y la impotencia e inestabilidad política suponen que se explote de cualquier manera. La extracción de oro es muy exhaustiva. Basta pensar que, para obtener 3 gramos de oro, es necesario triturar una tonelada de piedra.

Termino este sencillo artículo alertando sobre el hecho de que el bienestar y la seguridad de la población debe ser la principal prioridad del gobierno colombiano. A quien le interese este tema, le aconsejo que vea el documental de National Geographic *Colombia's Gold War*.



EN EL MAPA DE COLOMBIA DOMINAN LA SITUACIÓN GENERAL TRES FUERZAS POLÍTICAS: EL GOBIERNO, LOS PARAMILITARES Y LAS FUERZAS ARMADAS REVOLUCIONARIAS (FARC).

GONÇALO PEDRO AZEVEDO DA SILVA

Cuando miramos la organización terrorista ETA, pensamos que sus problemas se resumen en la confrontación ideológica y política. Lo que pasa es que ellos también tienen que resolver cuestiones más simples y cotidianas.

La organización etarra fue fundada en 1958, durante el régimen franquista. Algunos de sus fundadores fueron José Luis Álvarez Emparanza, Benito del Valle, Julen Madariaga y Iñaki Larramendi.

Fue precisamente José Luis Álvarez Emparanza quien propuso el nombre de la organización, Euskadi Ta Askatasuna (ETA) que significa en euskera – País Vasco y Libertad. Sin embargo, el nombre no fue algo sencillo de escoger. Al principio alguien propuso el nombre Aberri Ta Askatasuna (ATA) que significa en euskera – Patria y Libertad-, pero lo dejaron porque el acrónimo ATA significa “pato” en euskera vizcaíno. Voy a intentar recrear el supuesto diálogo entre una persona anónima y José L.A. Emparanza sobre el nombre de la organización.

Así habría sido:

-¡Ya lo tengo! – dijo la persona anónima.

-¿Y qué esperas? Pásamelo para que dé un trago, pidió Emparanza.

-No jefe, que ya sé cuál es el nombre que vamos a usar, explicó el Anónimo, apenas sin aire de tan nervioso que estaba.

-¡Por fin, alguien con ideas! ¿Entonces cuál es el nombre?, cuestionó Emparanza.

-Aberri Ta Askatasuna – Patria y Libertad, pero como es muy largo es más fácil decir ---ATA, respondió triunfante el ser Anónimo.

-¿Qué, Pato?, preguntó Emparanza incrédulo.

-Sí, patrón, a que tiene chispa ¿ehhhh?, dijo Anónimo muy contento.

-Mira, vete con cuidado o te pue-

Cuando las bombas revientan, ¿también sufren?



des quemar con tanta chispa. ¡Serás merluzo! ¿Cómo nos vamos a llamar “los patos?”, preguntó Emparanza.

-Nadie lo va a notar, jefe, le tranquilizó Anónimo

-¿Cómo que no lo van a notar? Y a lo mejor usamos prendas de seda con un pato diseñado, ¿no?, ironizó Emparanza.

-Pues para mí una camiseta XL, jefe, continuó con la frase Anónimo.

-No, hombre, no. ¿Cómo vamos a luchar por algo si a los otros les da la risa?, explicó Emparanza. Además, nuestro blasón ya tiene una serpiente, remató.

-¿Y cómo nos vamos a llamar, entonces?, le interrogó, de nuevo, Anónimo.

-Nos llamaremos Euskadi Ta Askatasuna – País Vasco y Libertad-, finalizó Emparanza.

Así me imagino yo el nacimiento del nombre de esta organización. Al comienzo, la población les apoyaba y transigía con esas situaciones. ETA empezó luchando contra el régimen franquista, una dictadura, pero con el paso de las décadas de lucha fue perdiendo el apoyo de los españoles, primero, y de la población vasca, más tarde. Fueron pasando de héroes a asesinos.

CESE DEFINITIVO

Durante años, se planificaron operaciones de todo tipo, incluso ilegales, con el objetivo de eliminar a los miembros de la organización, incluidos asesinatos, torturas y raptos.

Los etarras también sufrieron algunas bajas en esta tenebrosa lucha sin cuartel durante décadas. La acusada pérdida de apoyo por parte de la población vasca y la entrada en política de los partidarios, en otro tiempo, de la lucha armada, vino a confirmar el final anunciado de una etapa negra en la historia de España. Hoy, han cesado las armas tras anunciar la banda terrorista el cese definitivo y permanente de la violencia. Pero todavía no han sido entregadas las armas. La verdad es que ellos “parece ser” que se apercebieron de que, al final, las bombas queman más por dentro que por fuera.

Mi diario del miedo

**LILIANA MANUELA
BERRINCHA DUARTE GATO**

Era de noche. Estaba muy oscuro y llovía torrencialmente. Conducía mi coche cuando me encontré de frente con unas luces muy fuertes que me deslumbraron los ojos. Perdí el control del coche y me golpeé contra un árbol. Sentí un leve ardor en mi pecho, me toqué y vi que estaba ensangrentada. Cerré los ojos y nada más abrirlos, o así lo creía...

Me desperté delante de una multitud de cuerpos existentes en un macabro escenario sepulcral. Perdida y desolada, sentí que la noche extendía sombras sobre mis entrañas como si le perteneciesen. Temerosa, salí de allí y fui al encuentro de mi madre. La intenté alcanzar y hablar, pero mi boca no emitía ningún sonido. La miré a los ojos, pero ella no me miraba. Era como si no me viese.

¿Qué estaba sucediendo?

Fui a mi habitación e intenté encender la luz, pero no lo logré. Abrí el armario donde tenía un espejo y, al mirarme, lo peor que me sucedió fue que no logré verme, pero me sentía. Estaba desnuda delante la muerte y no tenía frío. Acababa de quedarme sola, mi único y verdadero miedo de siempre. ¡No podía ser!

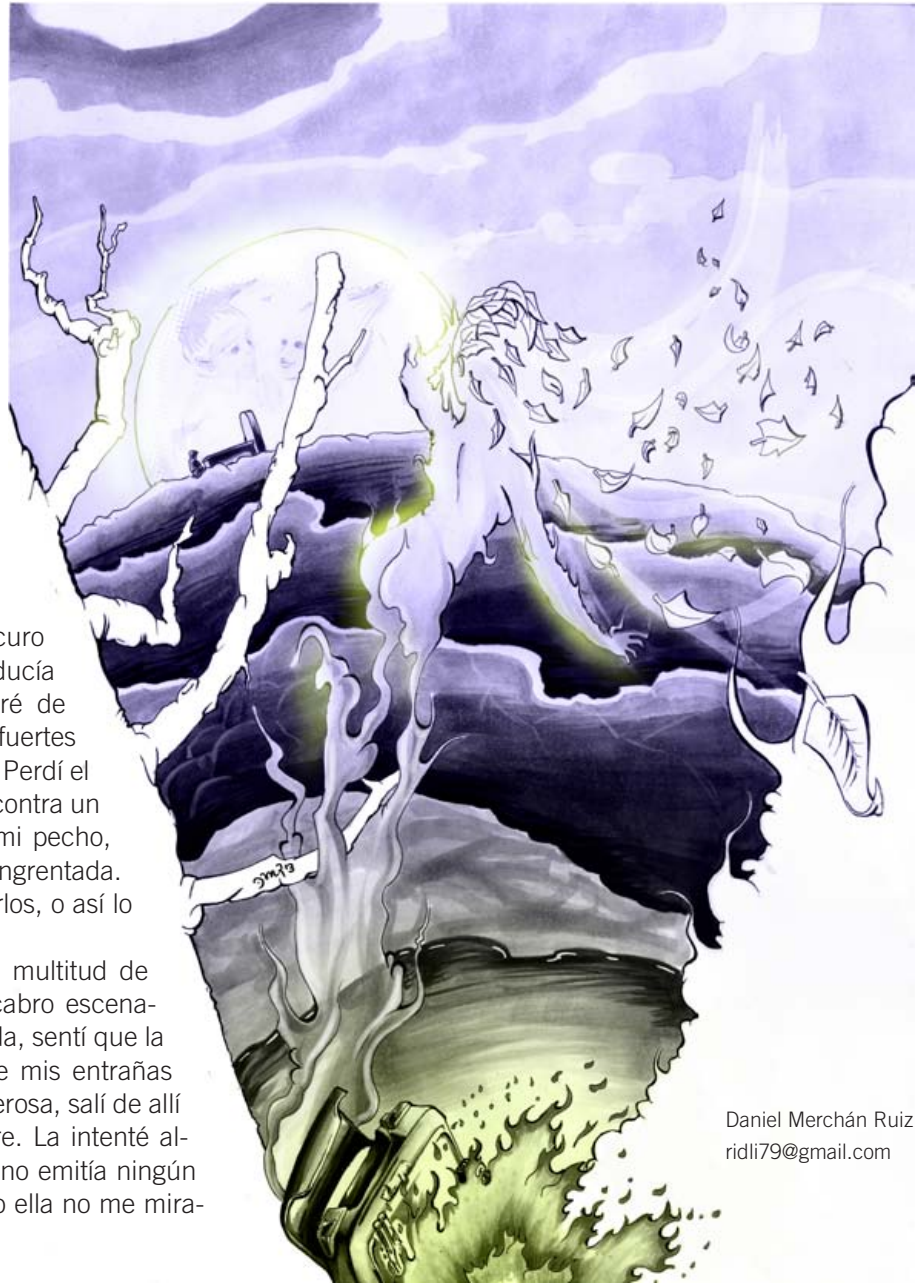
Asustada, hui de casa y fui a buscar a mi novio. Estaba muy enamorada de él y quería que me dijese qué estaba sucediendo conmigo. Seguro que él lo haría y me ayudaría a entenderlo todo.

¡Qué raro! Al pasar delante de la sepultura por donde acababa de salir, lo vi mirando muy triste una tumba. Me aproximé y vi que estaba derramando lágrimas delante de... ¿mi tumba? ¡No podría ser! Yo estaba allí ¡viva! Por lo menos así lo creía.

Le hablé, grité, pateé, pero él no me escuchaba. No me veía ni podía oírme. ¡Horrible! Fue entonces cuando le toqué y al hacerlo, cayó un trueno y con su luz me vio y se asustó. ¡Pobrecillo! Fue su peor pesadilla.

Intenté calmarle, pero él no paraba de huir de mí, hasta que le alcancé, le abracé y le besé. Rendido en mis brazos le pregunté qué había pasado. El pobre alcanzó a oírme. ¿Cómo era eso posible?

Fue entonces cuando me habló de mi muerte y me dijo que no era posible que estuviera hablando conmigo. Que todo no pasaría de ser un sueño muy raro.



Daniel Merchán Ruiz
ridli79@gmail.com



UM GRUPO COM UM INTERESSE COMUM, EM AMBOS LADOS...

Fortificações abaluartadas da Raia a Património Mundial

FERNANDO ORTIZ

O grupo está no Facebook, e em pouco menos de um ano já tem quase 600 membros, portugueses e espanhóis. A sua finalidade é promover todas as cidades da raia hispano-lusa com fortificações abaluartadas a Património da Humanidade, e depois de mais de cinco anos de trabalho para este objetivo de forma independente, com a exceção de alguns congressos isolados, todos juntaram forças mediante esta ferramenta informática.

Historiadores, arquitetos, pesquisadores, ou apenas aficionados, fornecem informações sobre as vilas que partilham este tipo de fortificação. Difundem planos, fotografias, documentação... Promovem conferências e exposições, e organizam mesmo visitas a algumas populações, onde alguns membros atuam como guias, enquanto o resto das pessoas conhece os monumentos e as vicissitudes das cidades irmãs, aprendendo com as experiências de seus vizinhos, para as poder implementar na sua própria.

Este grupo surgiu no início de 2012, quando, no meio das come-

morações do bicentenário da Guerra Peninsular, na cidade de Badajoz, um grupo de entusiastas sente a necessidade de comunicar e partilhar, fluentemente, grandes quantidades de informação. Na cidade vizinha de Elvas, onde também têm lugar eventos e exposições, residem amigos em comum que se encontram em diversos eventos em ambos os lados da fronteira.

O intercâmbio de e-mails era habitual, mas não suficiente, e os que já eram membros do Facebook propuseram aos outros comunicarem-se assim. Para que este grupo, que já era real, constituísse um grupo virtual era apenas uma questão de tempo. E aqueles que desde 2007 estavam a lutar pela nomeação para Património Mundial, propagaram-no de Valença do Minho a Sanlúcar del Guadiana.

O pior inimigo

O nosso interesse é o extenso património de fortificações abaluartadas, que surgiram ao longo da fronteira hispano-lusa a partir da Guerra da Restauração, com as suas construções baixas, com grossas paredes de pedra, cheias de terra para

absorver o choque dos tiros; os bastiões poligonais nos cantos, com aberturas em seus parapeitos para permitir o fogo dos canhões; as variadas obras exteriores: fortes, revelins, tenalhas, meias-luas...

Desde a fronteira do Minho até ao Guadiana temos um tesouro em forma de rosário de construções deste tipo, geralmente agrupados em pares: Valença e Tuy, Almeida e Ciudad Rodrigo, Elvas e Badajoz. Quando eles perderam o seu valor militar tendo sofrido muitas guerras e a passagem do tempo, o desenvolvimento mal entendido foi o seu pior inimigo, mas ainda assim, quanto resta tem grande valor cultural como o conjunto que representa a fortificação da fronteira mais antiga da Europa, um legado digno de ser eleito como Património Mundial, sob a tipologia do site.

Em suma, resultado dessa época difícil, cheia de sobressaltos e de dor, hoje nós temos este património incomparável que este grupo de pessoas de ambos os lados da raia, pertencente ao mesmo grupo do Facebook, tentam ganhar o reconhecimento que merece.

GOYI PLAZA PARRA

Nasci numa terra raiana da província de Salamanca e desde miúda ia a Portugal a pé. Naquela altura, a minha mãe mandava-me fazer algumas compras e para mim era tão simples ir comprar café português numa loja portuguesa da cidade vizinha como comprar o pão na padaria da minha povoação.

Partilhei jogos com meninos e meninas de Portugal. E mais tarde, quando já era uma rapariga adolescente, dancei da mesma maneira com os rapazes portugueses nas suas festas que com os rapazes espanhóis nas nossas.

Foi isto o princípio da minha rebelião adulta contra as alfândegas e as fronteiras? Não sei bem... Só transcrevo dois versos do poeta zamorano contemporâneo Tomás Sánchez Santiago: “La memoria es un grifo mal cerrado donde el pasado vela”.

Mas, quando na 34ª Sessão do Comité do Património Mundial, realizada em Brasília, Siega Verde (Salamanca, Espanha) é classificada como Extensão do Vale do Côa (Portugal) e incluída na lista do Património Mundial com o Nome Comum e Exclusivo de Sítios de Arte Rupestre do Vale do Côa e Siega Verde, adorei a notícia.

Não vou falar de que em ambos os lados da fronteira entre Espanha e Portugal, em pontos do rio Águeda e do rio Côa, se conservaram milhares de gravuras, representando figuras zoomórficas, antropomórficas e signos abstractos. Também não quero falar de que se remontam ao Paleolítico Superior, nem que são os sítios mais vastos de arte rupestre paleolítica ao ar livre do mundo. Tudo isso, fica para os estudiosos e especialistas na matéria.

Eu aproveito o tema para afirmar que a paisagem é um estado da alma e na minha terra o granito protesta da mesma maneira que na vizinha terra portuguesa, que entre a intimidade do homem e a integri-

A PAISAGEM É UM ESTADO DA ALMA E NA MINHA TERRA O GRANITO PROTESTA DA MESMA MANEIRA QUE NA VIZINHA TERRA PORTUGUESA, QUE ENTRE A INTIMIDADE DO HOMEM E A INTEGRIDADE DO AMBIENTE, ACHO QUE NÃO EXISTE UMA VERDADEIRA LIMITAÇÃO

Siega Verde, Vale do Côa



dade do ambiente, acho que não existe uma verdadeira limitação. Por acaso, não temos, lusitanos e espanhóis, a génese de latinos, de árabes e de cristãos? A História diz que os reis portugueses acabaram sempre por sucumbir aos encantos das mulheres espanholas. Mas apesar dos interesses das uniões reais e dos esforços da península, de que no século XIX esteve na moda ter uma amante espanhola, a Ibéria não chegou a ser um país, nem com tantos casamentos ibéricos.

Coração da Ibéria

Já o nosso poeta Antonio Machado descreveu o Rio Douro como o coração da Ibéria e de Castela e o poeta de Trás-os-Montes, Miguel Torga, para mim um dos mais im-

portantes autores contemporâneos portugueses, mantém-se fiel à sua terra, às suas gentes, e é sobretudo, um cantor do humano. Miguel Torga, revela-se contra a ameaça de Portugal e de Espanha. Em notas do Diário e em Poemas ibéricos, há uma configuração dum espaço cultural onde a vontade de ser se-

melhanças com a nossa Geração do 98, agrupa heróis espanhóis e lusos. De Miguel Torga diz David Mourão-Ferreira: “É português e europeu, regional mas universal e sobretudo, profundamente ibérico.”

Podia falar de José Saramago, como exemplo de homem e autor ibérico, de José Luis Puerto, outro dos nossos grandes poetas ibéricos da actualidade, mas prefiro tirar já, nos tempos que correm, as desconfianças todas de portugueses e espanhóis e apelar a dois povos quase gémeos, com o mesmo cordão umbilical, que se contemplam, se apoiam um ao outro, dia após dia, e desejo, século após século.

Finalizo com dois versos do poeta Mario Benedetti, na sua e na minha língua: “Con tu puedo y con mi quiero vamos juntos compañero”.

A NUMISMÁTICA ROMANA

Roma em Portugal

ROBERTA IANOZZI

É muito difícil resumir em poucas palavras a presença romana em território português porque não é possível descrever uma parte da história duma nação, com os seus usos e costumes, em duas linhas. Um tema que me pareceu interessante e sobretudo muito pouco conhecido para tratar nesta revista é o tema da numismática romana. Nesta sociedade em que vivemos e onde o dinheiro tem muita importância, vamos ver como é que os romanos o consideravam. Roma escreve a história da moeda desde os seus capítulos iniciais. A primeira cunhagem de que se tem notícia em Roma, ainda no tempo da República, data de 268 a. C.

A moeda, que se chamava denário, teve tanta importância que acabou determinando a etimologia da palavra “dinheiro” e suas variações latinas. Os romanos deram uma outra contribuição importante para o léxico: o termo “monetário”, que vem de Juno Moneta, a deusa padroeira de Roma, em cujo templo se fabricavam denários. Não foram os romanos, porém, que inventaram a moeda. Eles apenas assimilaram, com algum atraso, uma prática comum na Grécia Antiga, que tinha desde 575 a. C. a sua própria moeda -a primeira versão do dracma que começa a desaparecer amanhã

e sai de de circulação em 28 de Fevereiro. A monetização de Roma, aliás, fez parte do intenso processo de helenização daquela civilização.

Transações comerciais

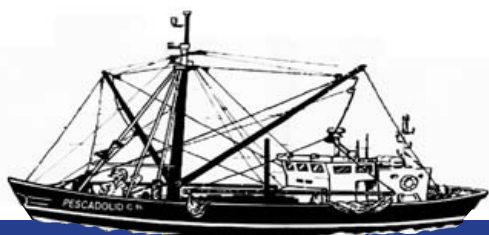
Os romanos usavam a moeda como meio comumente usado para realizar transações comerciais. As moedas romanas que se conservam na actualidade são uma pequena parte do dinheiro que chegou a circular na Antiguidade, que se extraviou e não se pode encontrar até hoje. Por exemplo, no ano 2007 um tesouro romano do séc. IV d. C. com mais de 4500 moedas foi encontrado na “vila” romana do Vale do Mouro, Coriscada, no concelho de Mêda, distrito da Guarda. Os sestércios, guardados num saco de serapilheira e com a efígie do imperador Constantino,



encontravam-se escondidos numa parede, juntamente com objectos de ferro (uma foice, uma picareta, argolas e chaves, cobertos por terra). De acordo com o arqueólogo responsável pelas escavações, António Sá Coixão, tratar-se-ia da casa de um ferreiro, que ali escondeu o tesouro aquando das invasões dos povos bárbaros. Trata-se do segundo grande tesouro monetário romano descoberto por este arqueólogo, que encontrara já um outro composto por 414 moedas, durante prospecções realizadas em Freixo de Numão, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Não há muitas descobertas em Portugal de moedas romanas mas cada vez que se encontra alguma coisa, a história de Portugal enriquece-se de cultura romana.

AS MOEDAS ROMANAS QUE SE CONSERVAM NA ACTUALIDADE SÃO UMA PEQUENA PARTE DO DINHEIRO QUE CHEGOU A CIRCULAR NA ANTIGUIDADE, QUE SE EXTRAVIOU E NÃO SE PODE ENCONTRAR ATÉ HOJE

PESCADOLID C.B.



PESCADOS Y MARISCOS DE ALTA CALIDAD
MARISCO FRESCOS Y COCIDOS
SERVICIO A DOMICILIO
TRATO PERSONALIZADO
ESPECIALIDAD: NUESTROS CLIENTES

Merca-2 Campillo. Puestos 27, 28 y 65. Valladolid Tel. 983 200 984

Fernando Pessoa



PABLO JAVIER PÉREZ LÓPEZ

Era um homem que caminhava devagar pela Baixa com um sobretudo comprido e elegante e um chapéu sem medo. Às vezes um bigode vergonhoso ia com ele mas nem sempre. Decerto sempre o acompanhavam livros e cigarros e algumas sombras de outros homens.

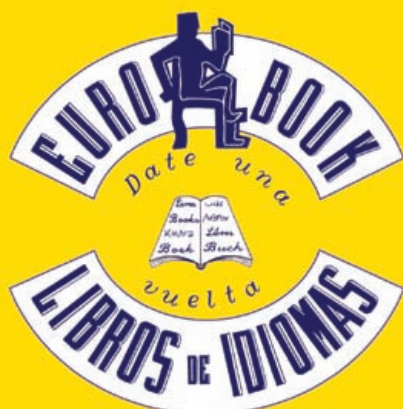
Caminhava como quem ama, como quem olha o Castelo pela janela achando o Castelo um espelho de si próprio. Escrevia versos nas noites de luar e também o resto. Dormia pouco, bebia muito e sempre olhava para o horizonte ou para o rio como quem procura respostas ou sentimentos. Não tinha muitos amigos, amigos desses que são uma alma a morar e a dormir junto da tua, da sua, da nossa. Amava muito mas sempre de longe e sempre com palavras ou como vários homens ao mesmo tempo. Traduzia cartas e sentimentos para pagar os quartos e os livros onde morava.

Caminhava e caminhava, às vezes pelas ruas e outras pelo labirinto vitoriano de si próprio, mas sempre procurando o seu rosto esquecido nos rostos alheios. Entre os lamentos matutinos e amarelos dos eléctricos e depois de comprar o

diário chegava ao escritório e começava a traduzir e a sonhar de uma forma alternativa e misturada que talvez fosse a sua maneira de viver ou de trabalhar, ou melhor, o seu próprio modo de viver que era já um ofício. Traduzir rostos, escrever rostos, caminhar rostos. Costumes dum estranho mas autêntico e sagrado ofício quase extinto.

Caminhava, olhava e colecionava papéis e sentimentos como quem procura onde está o Amor, como quem aguarda a verdade, como quem quer saber quem é ele próprio, onde está o seu rosto, em que olhos, em que almas, em que ausências, em que lembranças passadas ou futuras. Caminhava sempre detrás do seu nome, junto de outros homens que também pareciam seus, junto de outros nomes, que também pareciam seus, Caeiro, Mora, Campos, Teive....caminhava atrás da sua própria sombra e dum nome que estava escrito no seu bilhete de identidade desde quase sempre: Fernando Pessoa. Caminhava e caminha em todos nós, rostos achados e esquecidos, procurando ainda a verdade, o amor e outras coisas perdidas. Era, pois, um verdadeiro poeta a fingir ser um homem pela rua.

* PABLO JAVIER PÉREZ LÓPEZ é doutor em Filosofia e especialista em Fernando Pessoa



Inglés Italiano
Francés Chino
Alemán Español lengua extranjera
Portugués ...

Fray Luis de León 23 47002 Valladolid
Tel. 983 39 98 99
informacion@eurobookonline.com
www.eurobookonline.com

ÂNGELA PRESTES

Docente do Departamento de Letras da UBI

**“Portugal assistirá,
muito em breve,
ao fim do estado social”**

NASCI NUM AMBIENTE FAMILIAR LIGADO À LUTA ANTIFASCISTA, EM QUE PARTICIPEI DESDE MUITO NOVA — QUER O MEU PAI, QUER O MEU AVÔ FORAM PRESOS POLÍTICOS

...

PASSEI O 25 DE ABRIL COM O POETA E ROMANCISTA MANUEL DA FONSECA. EU ERA NA ALTURA PROFESSORA DE INGLÊS NUMA ESCOLA DO ALENTEJO CUJO DIRECTOR, UM INDIVÍDUO DE ESQUERDA CHEIO DE INICIATIVA, TINHA CONVIDADO O ESCRITOR A PRONUNCIAR UMA PALESTRA NESSE DIA TÃO SIGNIFICATIVO

Rejeita títulos aparatosos e tratamentos pro-
quê da nossa procura. Dotada de uma disc-
de cinema neorrealista italiano ou de ciclismo
te inglês, francês, alemão e português, a su-
tada é, há treze anos, docente da área de In-

ANA B. CAO MÍGUEZ

Pergunta.- Poderia resumir-nos o seu intenso percurso profissional?

Resposta.- Entre outras coisas, fui leitora de Português na Universidade de Rostock, na antiga República Democrática Alemã, a convite do adido cultural da Embaixada da RDA em Lisboa. Depois desloquei-me à cidade de Berna na qualidade de tradutora-intérprete da Embaixada de Portugal junto da Confederação Helvética, onde tive a oportunidade de interpretar para Mário Soares, então primeiro-ministro de Portugal, e o presidente da Confederação à época. Uma vez regressada a Portugal, fui co-fundadora do curso de Relações Internacionais na Universidade Autónoma de Lisboa, onde dei aulas durante uma década. Aceitei, na mesma altura, o convite de João Mota, director e fundador do Teatro da Comuna e hoje director artístico do Teatro Nacional, para leccionar a cadeira de Teatro Moderno num curso financiado pela CEE. Aí fiquei dois anos. Há treze anos que sou docente de Inglês no Departamento de Letras da UBI.

P.- Acabou de mencionar a sua estadia na RDA. Como foi residir num país que já não existe?

R.- A falta das liberdades fundamentais, como a liberdade de expressão e de mobilidade, era intolerável. Todavia, vista com distância e pensando naquilo em que se transformou após a reunificação da Alemanha, penso que a RDA oferecia garantias inestimáveis — acesso à educação, à cultura, à saúde, à habitação, segurança absoluta na velhice — que infelizmente se vieram a perder.

protocolares ainda habituais no meio académico português, e não entende o porção, um altruísmo e uma modéstia invulgares, Ângela Prestes conversa acerca do mesmo com idêntico entusiasmo, sabedoria e erudição. Poliglota (fala fluentemente a língua materna) e com uma dilatada experiência europeia, a nossa entrevistada trabalha na Universidade da Beira Interior.

P.- Estava em Portugal no 25 de Abril de 1974?

R.- Estava. Passei o 25 de Abril com o poeta e romancista Manuel da Fonseca. Eu era na altura professora de Inglês numa escola do Alentejo cujo director, um indivíduo de esquerda cheio de iniciativa, tinha convidado o escritor a pronunciar uma palestra nesse dia tão significativo. Foi um acontecimento feliz para todos os que fazíamos oposição ao regime de Salazar.

P.- Quando começou o seu activismo político?

R.- Nasci num ambiente familiar ligado à luta antifascista, em que participei desde muito nova – quer o meu pai, quer o meu avô foram presos políticos. Vivíamos na Marinha Grande, centro de resistência ao regime vigente por tradição. Crescemos a ouvir Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, cantores comprometidos com a nossa luta e assíduos de nossa casa. Quando com 19 anos fui viver para a Inglaterra, onde frequentei a Universidade de Londres (e onde tive a sorte de me apaixonar pelo teatro), o país atravessava uma época de intensas greves mineiras e eu

juntei-me aos comunistas ingleses para desenvolver algum trabalho nessa área. Tive, ainda, uns anos mais tarde, a oportunidade de conviver com um grupo de sul-africanos membros do African National Congress, nomeadamente os escritores Lewis Nkosi e Alex Nguma. Eram os tempos do Apartheid.

P.- Como vê Portugal hoje?

R.- Para quem viveu o 25 de Abril e criou expectativas de construir um país novo, mais justo, mais equitativo e mais culto, o que se passa hoje é, simplesmente, a negação de todos os nossos sonhos. A última coisa que eu esperava era vir a viver num país governado por um neoliberalismo feroz, e com a perspectiva de, muito em breve, assistirmos ao fim do estado social que, apesar das vicissitudes, havíamos conseguido criar.

P.- Falou-nos há bocado da sua paixão pelo teatro, que começou em Londres e se continuou a desenrolar em Portugal, em colaboração com o encenador João Mota. Porquê o teatro?

R.- Como já referi, essa paixão pelo teatro, e por alguns nomes

em particular (Ibsen, Tchecov, Pinter...), tem muito a ver com as aulas do prof. Kirchner da Universidade de Londres, mas também com o meu entendimento da literatura. Para mim, a arte cumpre uma função social – não é ingénua nem neutra. Precisamente neste momento tenho entre mãos uma investigação sobre um conjunto de escritores ingleses da primeira metade do século XX, envolvidos, de uma forma ou outra, em militâncias que vão da questão gay à Guerra Civil de Espanha. A Guerra Civil foi, aliás, desde sempre um dos meus grandes interesses. Os meus pais, oriundos do Alentejo, contavam-nos das atrocidades de uma guerra do outro lado da fronteira, rampa de lançamento para a Segunda Guerra Mundial que se lhe seguiu.

P.- Para concluir, e por falar no “outro lado da fronteira”, o que é que acha deste nosso projecto?

R.- Acho uma ideia deveras interessante. Estão a dar a conhecer um pouco melhor, uns aos outros, aquilo que somos, ou que queremos ser – isso é sempre bom. Estão de parabéns e desejo-vos a maiores felicidades.

LIBRERIA PAPELERIA

LESMES

C/ General Shelly, 17



LIBROS DE LA ESCUELA OFICIAL DE IDIOMAS
FOTOCOPIAS

O órgão é o instrumento musical por excelência. E devido à utilização do mesmo na liturgia cristã teve uma grande difusão, mas o seu mecanismo original sofreu diferentes evoluções nos distintos países. Os organeiros da península ibérica criaram uma tipologia do instrumento diferenciada do resto dos países, dando lugar ao “órgão ibérico”.

O órgão ibérico

ASUNCIÓN CUADRADO

A característica do órgão ibérico que mais chama a atenção é a da colocação das palhetas na frente do órgão “em chamada”. Neste tipo de órgãos, em lugar de estarem colocadas dentro da caixa do instrumento, são colocadas em batalha, em referência ao toque de trombeta com que se convocavam os parlamentares. Os tubos colocam-se normalmente acima do lugar onde está o teclado e em posição horizontal, dando ao instrumento um aspecto bastante feroz em alguns casos.

Esta colocação dos tubos deve-se em primeiro lugar à poupança do espaço na parede; além disso, ao estar situados em posição horizontal, a sujeira que pudesse entrar nos tubos não os afecta; e outra razão encontramos-na na localização do instrumento na igreja, que normalmente costuma estar num lateral do coro. Isto faz com que o som fique, às vezes, afogado, mas ao estar os tubos agora olhando para as pessoas, o som é bem mais potente e brilhante.

Outras características deste tipo de instrumentos estão no teclado. Na grande maioria das tipologias de órgãos europeus, a combinação de registos consegue-se utilizando diferentes teclados que possuem diferentes registos. Isto é, por exemplo, para destacar uma melodia de um acompanhamento, num teclado escolho uma registação duma grande intensidade, e noutro teclado uma mais suave. Mas no órgão ibérico, isso nem sempre é assim. Na maioria dos casos, tem o que se conhece como teclado partido. Neste tipo de teclado, a partir de certa tecla (entre o terceiro Do e Do #, os sons podem ter diferentes timbres, dividindo assim o teclado em dois (daí o seu nome).

“Arca de ecos”

Outra modificação do teclado é a oitava curta. Normalmente, a oitava mais grave do teclado tem as mesmas teclas que o resto das oitavas; mas no órgão ibérico, esta última oitava tem menos teclas que

o resto. As teclas que desaparecem são as de Sol #, Fa #, Mi b e Re b, dado que na época na qual se construíam estes instrumentos, os músicos cumpunham com base nos “modos medievais”, os quais nunca utilizavam no baixo estas notas.

A última característica dos órgãos ibérios encontramos-na na “arca de ecos”, que é um armário dentro do órgão, e nele colocam-se os tubos de alguns registos. Este armário possui uma janela que abre e fecha, e cujo funcionamento controla o organista geralmente graças a um pedal. Desta maneira, o intérprete controla a intensidade de alguns sons e pode produzir um efeito similar ao eco.

Quase todos os órgãos estão afinados no que se chama “o tom de capela”, isto é, em Espanha um semitom abaixo do tom oficial actual de 440 Hz., portanto estão afinados a 415 Hz. Raros são os órgãos que estão afinados num tom inteiro abaixo o tom oficial.

Os órgãos castelhanos das paróquias levam quase sempre um só teclado - que costuma ser partido-. Poucas paróquias, com recursos económicos importantes, puderam encarregar órgãos de dois teclados. Só nas comarcas mais ricas ou nas sés mais importantes.

E, ainda, não temos dois órgãos iguais, é muito vulgar o desenvolvimento parco ou a ausência total do pedaleiro (teclado para os pés) e a relativa abundância de cheios e jogos de palhetas.

Outras características

Também podemos acrescentar as características do órgão ibérico com expressões que, embora subjectivas, são muito repetidas pelos organistas que costumam tocar os nossos instrumentos: a pouca força do teclado; a precisão e rapidez no responder da cada tecla e registo; a nitidez e transparência do som, que propende aos tintes de cálido brilho, próximos do fosco nasal e o som dá a sensação de firmeza e autoridade, mas jamais de dureza ou de espessura.

Isto é o que é geralmente aceite pelos organeiros do mundo inteiro até hoje, mas Dinarte Machado, um organeiro português, tem defendido a existência de uma escola de organária portuguesa, nascida-depois do terramoto de 1755- da necessidade de reconstruir os instrumentos. Essa escola criou um instrumento “não

comparável a um órgão em Itália ou Espanha”, essencialmente na existência de registos compostos.

“Um órgão espanhol, para ter este volume e esta energia sonora tem que ter o dobro em termos de registo, porque os registos compostos são muito nossos”, explanou o Dinarte à agência lusa.

QUASE TODOS OS ÓRGÃOS ESTÃO AFINADOS NO QUE SE CHAMA “O TOM DE CAPELA”, ISTO É, EM ESPANHA UM SEMITOM ABAIXO DO TOM OFICIAL ACTUAL DE 440 HZ., PORTANTO ESTÃO AFINADOS A 415 HZ



Fotografias: Joaquín Lois

IGREJAS E PATROMÓNIO

Dinarte Machado junta ao seu argumento da existência de uma escola portuguesa que se diferenciou da espanhola no segundo quartel do século XVIII, o facto de mesmo os órgãos comprados no estrangeiro a “grandes construtores, já famosos na época”, terem sido alterados “de acordo com o que nós aceitávamos”.

Assim, podemos citar como peculiaridades dos órgãos históricos portugueses que têm os someiros, talhados num só corpo, mas para as duas mãos, cujos tubos são colocados de forma cromática. As teclas são pequenas, idênticas em tamanho à dos cravos (antepassados do piano) da altura e bem adornadas. Os teclados de alguns destes instrumentos ainda são de oitava curta, apesar de, na sua maioria, serem já de oitava inteira.

Seja como for, e tenham os órgãos o estilo que tiverem, uma coisa é certa, os órgãos das nossas igrejas e sés são uma parte muito importante do nosso património, e é o nosso dever ter um bom conhecimento deles para poder mantê-los nas melhores condições e que as seguintes gerações possam também desfrutá-los.

PONTO DE ENCONTRO ENTRE POVOS PRÓXIMOS

A Feira Raiana

TABELA DAS LOCALIZAÇÕES DE DAS FEIRAS RAIANAS

PILAR CAVA SÁNCHEZ

A Feira Raiana, que nasceu no ano de 1994, tem sido um exemplo da verdadeira cooperação transfronteiriça entre as regiões fronteiriças da Beira Baixa e Extremadura. São objectivos desta Feira, além de incitar a aproximação entre os povos, dar a conhecer os produtos e actividades da zona raiana e promover os diferentes sectores, entre eles o Agro-Industrial, Cingético, Artesanal, Comercial/Industrial e Cultural.

Nos inícios deste evento, a intenção dos organizadores foi de ser feita a feira um ano em Portugal e no ano seguinte em Espanha. Assim foi até ao ano 2006, sendo a localização portuguesa sempre fixa, na vila de Idanha-a-Nova, no entanto a localização espanhola, que foi itinerante em várias povoações da Extremadura. Entre os anos 2009 e 2011 a feira teve lugar só em Idanha-a-Nova, até o ano passado 2012, onde a localidade de Moraleja retomou a edição espanhola, a número XVI da Feira Raiana. As razões destes sete anos sem edições espanholas parece terem sido as dificuldades económicas. Mas, há uma boa notícia, Moraleja vai continuar sendo a localização fixa para os próximos anos alternados, graças ao acordo alcançado entre os presidentes das localidades de Idanha-a-Nova e Moraleja.

Na organização da feira colaboram a Associação La Raya/ A Raia, organismo de cooperação luso-extremenha que compreende Grupos de Acção Local e desenvolvimento e entidades municipais cujo âmbito de actuação são áreas com carácter fronteiro, junto ao Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Idanha-a-Nova, entre outras.

| EDIÇÃO | ANO | LOCALIDADE |
|--------|------|---|
| I | 1994 | Idanha-a-Nova |
| II | 1995 | Idanha-a-Nova |
| III | 1996 | Coria |
| IV | 1997 | Idanha-a-Nova |
| V | 1998 | Moraleja |
| VI | 1999 | Alcántara |
| VII | 2000 | Idanha-a-Nova |
| VIII | 2001 | Valencia de Alcántara |
| IX | 2002 | Idanha-a-Nova |
| X | 2003 | Municípios das Hurdes: Caminomorisco, Pinofranqueado y Casar de Palomero. |
| XI | 2004 | Idanha-a-Nova |
| XII | 2005 | Montehermoso |
| XIII | 2006 | Idanha-a-Nova |
| XIV | 2009 | Idanha-a-Nova |
| XV | 2011 | Idanha-a-Nova |
| XVI | 2012 | Moraleja |

A feira tem ganho em tamanho e importância, variedade de conteúdos e afluência de público, tornando-se numa grande fachada das potencialidades e atractivos dum raia que se descobre ao visitante como uma zona dinâmica na que as tradições e o futuro se tocam de um modo harmónico.

XVI edição, Setembro de 2012

Nesta edição, em que pese a crise tem batido o recorde de participação, encontraram-se diferentes sectores comerciais, agro-alimentares, culturais e institucionais no Parque Fluvial Feliciano Vegas em Moraleja. Ali tiveram lugar muitas actividades interessantes: colóquios, exposições, actividades de aventura e aquáticas, assim como concertos e animação de rua e nocturna, como os recitais de flamenco e fado, com a fadista revelação portuguesa Mara Pedro. Como o principal objectivo da Feira era a promoção dos produtos da terra de qualidade, aconteceram também dezenas

de degustações de produtos raianos como azeitonas, azeite, vinhos, queijo, bacalhau, doces e mel. Entre tantas actividades houve ainda tempo de demonstrações como os live cooking com cozinheiros espanhóis e portugueses, corte de presunto ibérico, elaboração de queijo artesanal, ferragem de cavalos e apicultura. Além disso, o artesanato também teve o seu lugar, acontecendo vários seminários práticos como a de elaboração de fantoches e adufes, de forja, e inclusive de capoeira!

A edição número XVII deste certame terá lugar neste ano 2013 de 31 de Julho a 4 de Agosto de 2013, no parque de Feiras e Exposições da vila de Idanha-a-Nova onde, como tem sido habitual e como novidade com respeito às edições espanholas, haverá largadas de toiros na manga.

Então, aproveitem esta ocasião excepcional para conhecer tudo o que estas regiões raianas têm para lhes oferecer.

ÉVORA

Um passeio pela cidade

MARÍA LUISA GARCÍA VALLADARES

Para tirar dúvidas e provar que vale a pena uma viagem até lá, proponho uma original visita pelo perímetro urbano, num carro de cavalos, o qual é sempre um espetáculo emocionante e inesperado porque permite redescobrir os períodos de ouro da cidade, através dos seus monumentos, da sua arquitectura -genuinamente portuguesa-, e situar o passado arqueológico nos actuais espaços públicos; além de sentir que há ali, entre as manifestações artísticas, uma presença pelo momento emblemático que representa na memória histórica! Assim, ficaremos com aqueles aspectos de que se gosta, das paisagens e lugares impossíveis que se nos possam escapar.

Ao longo de um único dia, num programa fascinante e apuradíssimo, iremos acrescentando e enriquecendo a nossa bagagem de conhecimentos para nos aproximarmos a uma identidade própria e singular.

No circuito pedonal, e tendo como ponto de partida a praça onde ficam o Templo Romano de Diana, a Igreja de São João Evangelista e o Convento dos Lóios, tentaremos explorar toda a riqueza da Arquitectura, do Urbanismo e da História da cidade; depois desta primeira incursão, visitaremos a Sé, dedicada a Sta. Maria, e o Museu de Évora, seguindo pela Rua de Valdovinos chegaremos até à Praça do Giraldo.

Aqui interessa ultrapassar a noção de espaço aberto, com entrada livre, onde cada um pode dar azo ao seu sentir mais profundo, para assim poder explorá-la como categoria de descoberta fantástica. Neste encontro informal do nosso percurso, que prossegue tranquilamente, descobrimos outros monumentos: a Capela dos Ossos, as Igrejas de São Francisco, de Nossa Senhora da Graça e da Misericórdia, a Universidade, o Museu do Relógio e o Aqueduto da Água de Prata.

COMIDA ALENTEJANA

Finalmente, já a partir do meio-dia, podemos partilhar um menu alentejano que alie os sabores da boa comida aos prazeres do imemorial. Se quiser optar pela degustação dos produtos genuínos da terra com alguns toques mais sofisticados, está o restaurante “Fanatism”, na Praça do Giraldo, 69, e, seja como for, há um protótipo de restaurante que é “O Grémio”, na Rua Alarcova de Cima, 10, onde gozaremos da comida alentejana como a comemos em nossas casas e como a comíamos em casa das nossas mães, completamente fora dos estereótipos da “comida alentejana” em voga.

Após um bom refrigerio, o passeio até o “Café Arcada”, na Praça do Giraldo, considerado uma das atrações de Évora, pela enorme variedade de doces, está assim, mais que ganho!

O Turismo é, em Évora, um dos mais poderosos motores de desenvolvimento porque é nas suas ruínas romanas e medievais que está uma das principais mais-valias deste município, sem esquecer também os seus monumentos megalíticos (o cromeleque dos Almendres e o dólmen de Aguiar). Contudo, Évora, eleita pela Unesco “Cidade Património Mundial da Humanidade”, não é a cidade mais visitada de Portugal.





Uma viagem a Burgos

MARÍA JOSÉ FERNÁNDEZ CALLEJA

“Sonríe, es Burgos , Disfruta, es Burgos ,Burgos no te dejará frío”. Mensagens e reclamos como estes rotulam os folhetos turísticos e até suspendem nas fachadas de alguns prédios da cidade, tudo para conseguir que os viajantes aportem a Burgos; e sobretudo, fiquem por uns dias para conhecer esta jóia da velha Castela.

Eu sou Burgalesa e trago Burgos no meu sentimento, mas acho que Burgos, sendo uma cidade reconhecida, não tem sido, saboreada por muitas pessoas. Vou tentar fazer, com estas linhas, um contributo à minha cidade e a vós, caros leitores portugueses, porque tam-

bém são um bocadinho do meu sentimento e quero que venham a Burgos, a esta cidade calada sem estridências porque os vai seduzir.

Começo por apresentar os três elementos declarados, pela Unesco, Património da Humanidade: La catedral, el Camino de Santiago y Atapuerca.

A Catedral: obra mestra do gótico, impressionante, majestosa; bem merece uma visita com calma, reparem nos tesouros que guarda. No exterior, rodeiem o seu perímetro para contemplar a imponente fachada principal e as agulhas tão características. Continuem a percorrer o conjunto de ruas medievais e embora se façam acompanhar de

um guia turístico aconselho deambulem, percam-se , “callejeen” por certo, estarão a pisar as pedras do Caminho de Santiago, porque foi tanta a influência do Caminho, na configuração urbana de Burgos, que no plano actual se conserva com exatidão o traçado histórico da rota jacobea. Burgos talvez seja para os peregrinos a cidade mais esperada depois de Compostela. E estes entram na cidade, precisamente, chegados desde a serra de Atapuerca a uma dúzia de quilómetros.

Gran Dolina

Atapuerca é a jazida paleoantropológica mais importante de Espanha. Na realidade consiste num número incrível de jazidos pré-históricos com nomes tão sugestivos como a “Gran Dolina, Sima de los Huesos”. Os trabalhos realizados, por investigadores durante muitos anos materializaram-se no Centro Nacional de Investigação sobre a Evolução Humana (CENIEH) e ainda há mais. Agora Burgos conta com um Museu onde podem contemplar os fósseis descobertos na serra, e se quiserem visitar as escavações o museu oferece uma entrada combinada.

Este moderno complexo arquitetónico fica no centro neurálgico da cidade, nas márgens do rio Arlanzón na ponte de San Pablo, olhando à impactante estátua equestre do Cid Campeador, que como não podia ser de outra maneira, ali campeia EL CID desde o alto pedestal o Campeador, Tizona em riste (a espada) vigia e guarda a cidade.

E agora nada melhor que uma paragem nalguma das inúmeras hospedarias; tomar uma pequena refeição, tão do gosto dos portugueses, e aproveitar para provar a terna, cálida e fragante morcela. E se quisermos levar a sério isto da comida então, um banquete digno de reis, só escolhendo uma ração de “lechazo” assado, acompanhado de salada de alface e vinho da Ribeira do Douro, e pecar com a sobremesa: um bondoso queijo brando, níveo, trémulo que sempre



vem com alguma surpresa. Menção especial: este ano 2013 Burgos é a Capital da Gastronomia. www.capitalespanoladelagastronomia.es/

Não estamos com a barriga a dar horas, portanto toca a passear; em Burgos há muitíssimos passeios porque o rio, através dos tempos, foi domesticado transformando ambas margens em singulares passeios.

Sítio singular

El Espolón!, não é um passeio qualquer, isso é peculiar e exclusivo de Burgos! É um prodígio de invenção urbanística: é uma rua com

lojas, livrarias, cafés. É lugar de encontro, de recreio para os sentidos, de adeus e olhares, e a peculiaridade esquisita são sendas filas paralelas de árvores (plátanos) cujas ramas entrelaçadas formam um longo e sombrio túnel verde que é rematado por o Arco de Santa María.

Por outro lado, em Burgos também há espaço para três importantes centros monásticos: La Cartuja de Miraflores, San Pedro Cardeña, Las Huelgas. Todos eles afastados do centro da cidade; e se quiserem visitá-los bem podem apanhar um autocarro desde a praça de Espanha mas, eu aconselho, se tiverem



Fotografías: Ayuntamiento de Burgos

tempo, caminhar até lá, só demoram uma hora, atravessando o parque natural de Fuentes Blancas. – Atenção para os que gostam de fazer campismo há aqui um magnífico.

Finalmente terminar dizendo que Burgos é distinguida por um inevitável preconceito . O frio !. Contudo, não se pode negar que o frio é um protagonista importante, mas o frio é fino e sutil. Porém, em vez de alcunhar o clima de Burgos por exageradamente frio deveríamos alcunhá-lo por informal, muda de repente: há temperaturas de três días e días de três temperaturas. No verão, o vento norte ou “Cierzo” como é conhecido nestes lares torna as noites frescas e rara vez o calor é sufocante.

Atrevam-se, visitem Burgos. Não se vão arrepender. Burgos conta com uma cuidada oferta de hotéis tanto pelo serviço como pela localização e com preços competitivos; e, por enquanto, há programas turísticos verdadeiramente interessantes. Boa Viagem e boa estadia.

Endereços

<http://www.aytoburgos.es>
<http://www.turismoburgos.org/>
<http://www.catedraldeburgos.es/>
<http://www.museoevolucionhumana.com/es>
<http://www.cenieh.es/>
www.guiaburgos.com

A CATEDRAL É UMA OBRA MESTRA DO GÓTICO, IMPRESSIONANTE, MAJESTOSA; BEM MERECE UMA VISITA COM CALMA, REPREM NOS TESOUROS QUE GUARDA.

...

ATAPUERCA É A JAZIDA PALEOANTROPOLÓGICA MAIS IMPORTANTE DE ESPANHA. NA REALIDADE CONSISTE NUM NÚMERO INCRÍVEL DE JAZIDOS PRÉ-HISTÓRICOS COM NOMES TÃO SUGESTIVOS COMO A “GRAN DOLINA, SIMA DE LOS HUESOS”



PARQUE NACIONAL DA PENEDA-GERÊS

O Reino da água

JAVIER G. LORENTE

Grandes montanhas cobertas de árvores, sinuosas estradas que percorrem por entre espessos bosques de carvalhos, teixos, castanheiros e pinheiros que, por vezes, atingem entre quinze e vinte metros de altura. E água, muita água numa infinidade de rios, principalmente os rios Cávado e Homem, além de riachos, cascatas e barragens. Grandes blocos de granito que partilham o espaço com as pequenas aldeias.

O único parque nacional, de Portugal, situa-se no extremo norte do país. Poder-se-ia dividir em duas partes quase iguais separadas pelo rio Gerês. A parte mais ocidental é a Peneda e a mais oriental é o Gerês. As duas partes estendem-se até à fronteira espanhola, na parte de Ourense.

A serra é um prolongamento da cadeia montanhosa Cantábrica. É por isso que há uma grande diversidade de relevo, com variações bruscas de altitude, vales muito encaixados, assim como alguns planaltos de maiores ou menores dimensões e variadíssimas cotas. Nesta serra, viveu o urso pardo até 1860, quando desapareceu.

Há muita abundância de águas termais no Parque. No século dezanove, foi iniciada a construção do primeiro estabelecimento termal conhecido pela eficácia das águas no domínio da cura de muitas doenças, na povoação do Gerês. Hoje, é o novo e moderno Spa numa povoação muito turística nos meses de verão. Não é único. Há muita oferta de spa e águas termais no Parque.

Os romanos

Para os que gostam de caminhar, há muitas possibilidades. Percursos pedestres de grande beleza com diversos graus de dificuldade e extensão, para conhecer a riqueza natural do Parque. Uma delas é a Via Nova. Veio substituir a Via XVII que ligava, também, Braga e Astorga. Seguia a mesma direcção da actual estrada EN103 que liga Braga a Chaves. Os Romanos, perceberam que,



NO SÉCULO DEZANOVE, FOI INICIADA A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO ESTABELECIMENTO TERMAL CONHECIDO PELA EFICÁCIA DAS ÁGUAS NO DOMÍNIO DA CURA DE MUITAS DOENÇAS, NA POVOAÇÃO DO GERÊS

para as formas de transporte existentes na época - a cavalo e a pé-, a Via XVII era muito longa e com grandes declives. Por isso, desenharam a Via Nova, com um traçado sinuoso mas que, por subir menos graus em cada milha, tornava-se menos cansativa fazendo o caminhante ou o cavalo menos esforço. Esta estrada romana é conhecida como Geira, e percorre cerca de 30 km dentro do Parque.

Neste parque é possível fazer todo o tipo de desportos: trilhos, escalada, passeios a cavalo, bicicletas de montanha, canoagem...

Se gostas da natureza, não percas a ocasião de visitar o Parque e perderes-te na Peneda-Gerês. O Parque é considerado, pela UNESCO, como Reserva Mundial da Biosfera.





Edgar Alvarez

SOSSEGO

RUPERTO LÓPEZ SÁNCHEZ

Nas paredes do meu quarto, as estantes impregnam-se do cheiro do cachimbo que o meu pai está a fumar, enquanto a minha mãe, ao longe, cantarola uma cantiga de tempos idos.

O fim de um longo letargo surpreende-me debruçado sobre o teclado do computador, tirando de uma imaginária cartola as palavras que escrevo.

Minhas ideias andam desavindas...

O concurso de contos breves foi ganhado por Ruperto López, o 2º prémio foi para Ana Andaluz e o terço partilhado por Noemí Cedrillo, Vidal García e Félix Díaz.

A velhice



“A velhice faz-nos mais rugas no espírito do que na cara”
Michel de Montaigne

VANESSA EMINA

Sempre que se tem experiência de larga estadia em um país estrangeiro, leva-se uma imagem pessoal do que se viveu e do que se viu fora.

Estas conclusões empíricas são por vezes de uma análise parcial da realidade, generalizações que por vezes não reflectem à verdadeira realidade socio-cultural de um país.

Contudo, de algumas experiências de vida fora do meu país e tomando como exemplo esta última, em Valladolid, houve algo entre as diversas diferenças entre povos que me chamou a atenção: o estatuto de idoso e de reformado.

Chamou-me bastante a atenção o facto de que em países não muito longínquos nem muito diferentes de nós portugueses, o envelhecer seja algo mais alegre, mais dinâmico e com melhores condições de vida. Ver jovens de 70 ou mais a participar activamente em actividades desportivas ou outras, a fazer passeios autonomamente, a preservar a vida social e de ócio, ou até mesmo continuar a trabalhar depois da tão esperada reforma, chocou contra a minha imagem de idoso. Ainda mais surpreendente ver vivo o amor, o carinho, a demonstração de afecto entre casais “que se aquecem os pés há uma vida inteira”.

Quando pensamos em idosos em Portugal a primeira imagem que nos vem à cabeça é a que vemos acima, a imagem de tristeza e solidão.

É grande maioria dos idosos, que uma vez reformados se isolam dentro de casa, que têm poucas capacidades, numa vida muito solitária.

Nas sociedades ancestrais, os idosos eram tratados como uma riqueza de saberes adquirida, respeitados, amados e acompanhados, como exemplos de vida e de experiências, que transmitiam valores, de todos os géneros, de geração em geração.

Mas agora sendo as famílias cada vez mais parentais ou monoparentais, com estilos de vida agitados, os mais velhos deixaram de ter um lugar preponderante na família e muitos perderam os seus ouvintes, para dar conselhos e contar histórias.

“No país dos brandos costumes ainda há muitos idosos esquecidos, abandonados e maltratados”, como era referido numa reportagem do jornal nacional.

De facto são muitos os idosos, que vivem sós em casas cujas condições de aquecimento são más, com pensões que não cobrem a grande parte das suas necessidades e que são abandonados pelos seus familiares e muitas vezes alvo de burlas e maltratos, que nem sempre vêm do exterior, mas sim dos que lhe são mais próximos.

Não há dúvida que estas situações provocam situações de desânimo e de tristeza nos nossos idosos.

No entanto, o isolamento e a passividade que parece vir junto com a idade em Portugal, a meu ver é também fruto de algo cultural e educacional, é uma opção e também fruto do seu conservadorismo.

Ainda que hoje já haja alguns “velhos que não queiram arrumar as botas” e continuam ativos, a aprender, a divertir-se, são ainda uma minoria no imenso número de idosos para quem a velhice faz mais rugas no espírito do que na cara.

* VANESSA EMINA é auxiliar de conversação de Português na E.O.I-Valladolid.



jesse_dixium@hotmail.com

deseo
VINO

C/. SAN BLAS, 11
47003 VALLADOLID
T 653 811 342 / 983 253 540

deseovino.com
deseovino@deseovino.com

LO MUCHO SE VUELVE POCO, CON SÓLO DESEAR UN POCO MÁS...

A Virginia López é correspondente, em Lisboa, do El Mundo e da estação SER. Colaborou com O Jornal da Cataluña e com a produtora de televisão Lua Multimédia, de Manuel Campo Vidal, onde participou na elaboração do documentário Os Combatentes do Ultramar.



Fotografias Helena Poncini

VIRGINIA LÓPEZ,

autora de De Espanha nem bom vento nem bom casamento

“Juntos somos melhores”

NATALIA FERNÁNDEZ

Pergunta.- O que a impulsionou a escrever um livro de história sendo tão jovem?

Resposta.- Sempre gostei de história. Não só a história de factos como também as histórias que nos avós não contam. Neste caso tem a ver com a história de Espanha e Portugal, mas não só história de facto como também de relações.

P.- A que se deve o título?

R.- Desde que vivo, com o meu marido, em Portugal, todas as pessoas que me iam conhecendo me diziam: “pois já sabes o que dizem das espanholas - de Espanha nem bom vento nem bom casamento”, comecei a ver a origem do refrão e apercebi-me que ao longo da história houve um grande número de casais reais que acabaram mal. E acho que a culpa desses maus enlaces não era das mulheres espanholas senão de outros interesses.

P.- Uma das frases mais destacadas do livro e que inclusivamente se inclui na contracapa do livro é “Portugal só existe porque foi uma prenda de casamento para uma simples bastarda castelhana e isto numa altura em que ainda não tinham sido inventadas as listas de casamento do O Corte Inglês”. Realmente pensa isso?

R.- O livro está escrito com humor e com ironia e também com um pouco de provocação mas com carinho. Antigamente existia o condado de Galiza e de Portucale que foram divididos por duas filhas como presentes de casamento. A D. Teresa, mãe de D. Henrique, calhou-lhe

o condado de Portucale e tudo fez por ele. Para mim, ela é a primeira rainha de Portugal.

P.- Crê num novo casal entre um infante português e uma infanta espanhola?

R.- No final do livro pensei em escrever algo assim, algo hipotético, mas acho que não. Não acho que Portugal volte a ser uma monarquia e Espanha veremos... Um episódio engraçado foi quando nasceu a Infanta Leonor e o Duque de Bragança disse que qualquer de seus filhos seria um bom candidato para se casar com D. Leonor. Era engraçado voltar aos tempos onde se pactuavam os casais entre países. Mas no que creio é nos casais plebeus.

P.- Por que acha que há um maior interesse em aprender português?

R.- Porque quando conheces as coisas lhes dás maior valor e eu acho que dantes não se dava valor a Portugal porque não se conhecia. Lamos comprar toalhas, tínhamos a ideia do irmão pobre e não nos interessava. Acho que os programas Erasmus, as viagens Low Cost

têm contribuído muito para este incremento por conhecer Portugal. Dantes as pessoas faziam longas viagens. Agora, devido à crise, Portugal passa a ser um destino apetecível.

P.- Que pensam os portugueses de nós?

R.- Eles chamam-nos irmãos e eu acho que mais que irmãos somos vizinhos. Quando um vizinho precisa ajuda chama o vizinho que é o mais próximo. Mas essa proximidade também é rivalidade. Assim como gostamos de ter melhor carro que o vizinho, a melhor casa..., também queremos ser melhores que eles. Portugal tem que demonstrar que não é inferior. Os espanhóis têm fama de simpáticos, prepotentes, mas também consideram que somos mais educados, mais alegres e que gostamos de sair mais. No fundo toleram-nos bem..., menos quando jogamos futebol.



“O LIVRO ESTÁ ESCRITO COM HUMOR E COM IRO-NIA E TAMBÉM COM UM POUCO DE PROVOCAÇÃO”

...

“PORTUGAL, NÃO ACHO QUE VOLTE A SER UMA MONARQUIA E ESPANHA VEREMOS...”

...



Andrea Valero Antón
andreavaleroanton@yahoo.es

Dulce

ALEXANDRA SILVA

Para crear,
 Hay que tener un genio
 Infinitamente inadaptado
 Prever su propia ruina
 Aún postrarse delante de la vida,
 Por a ella no tener derecho efectivo.
 Para crear,
 Hay que haber sido un mendigo
 De lo que ya es suyo
 Hay que haber sido humillado
 Hasta el fondo del alma,
 Aún despejar urgente
 El camino de los otros
 Hasta que no quede una gota de sangre.
 Para crear,
 Hay que haber sido echado de su casa
 Como un asesino irrecuperable
 Ser expuesto,
 Increíble,
 A las más impías mentiras
 Que ensucian, inmundas, la inteligencia suave.
 Ser, en fin, un extraño
 De quien no se aceptan dulces
 Lo que,
 Más que todo
 En un segundo de azúcar
 Derriba su generoso esplendor
 Destroza, irremediabilmente, su corazón
 De tan dulce.

Quando os homens fingem não amar

JOSÉ MIGUEL GÁNDARA

Às vezes pergunto brumas do inverno que os homens fingem não amar,
 em que os caminhos que seus delírios são armazenados sobrenatural de
 amantes humilhado, e às vezes pergunto cautelosamente todo ser
 divindades onde esconder recônditas nas sombras, as palavras de amor
 que lançam ânsia com que eles procuram recatar empoleirado
 no big-bang de emoções, arrulhando e amamentação no enigma
 na mulher amada.

Às vezes peço aos amigos espirituais do café Vacceo por que os homens e
 as sequências de masturbação de partículas decidiu fingir não amar e não
 amar o conflito morte derramarmos, tesouros da vida que vi-o ir, sutilezas
 de alcance para os meus olhos, eles amam, mas nunca foram construídos
 em luz para o amado.

Hoje, numa tarde sem escuridão cavernosa que me tranquiliza escrevo este poema
 sobre o amor como semelhante o abismo,
 hoje lembrei que há muitos anos ansiei escrever e lamentar
 corpo habitado amada.

Dedicado às mulheres que habitaram a minha vida em algum dia não
 muito distante.

Dificultad inicial para el docente en la enseñanza del español en Portugal



NOEMÍ PÉREZ

El principal escollo al que los profesores de español en Portugal nos tenemos que enfrentar es a la consideración que se tiene de esta lengua ya que existe una falsa percepción de que es fácil, lo que provoca la creencia generalizada de que su estudio no es tan necesario como lo es

para el inglés o el francés. Si a esta supuesta sencillez se le une la falta de dedicación de los estudiantes porque consideran que no es necesario invertir mucho esfuerzo en su aprendizaje, el resultado es que los alumnos no dominarán ni alcanzarán una verdadera competencia en español y, a cambio, acabarán produciendo un Portuñol que creen suficiente para comunicarse.

Esta creencia no es más que un estereotipo que se encuentra generalizado en el conjunto de la sociedad portuguesa como lo demuestra la opinión, por ejemplo, de una periodista portuguesa que escribe lo siguiente en una revista española de divulgación nacional: “¡No entendemos cómo los portugueses comprendemos tan bien el español!” (S. Gato, “¿Cómo nos ven nuestros vecinos?”, Elle nº 274, julio de 2009, p. 40). Esta opinión no viene sino a corroborar esa idea tan extendida que tienen nuestros vecinos ibéricos de que pueden entender el español sin ningún problema independientemente de la variedad hablada por el interlocutor.

Por ello, los docentes debemos concienciar a nuestros alumnos desde el primer día e insistir en que se tomen en serio sus estudios para evitar que se acomoden y nunca progresen en el aprendizaje del español.

*NOEMÍ PÉREZ es lectora de Español en la U.B.I.-Covilhã

Pegadas da memória



LOURDES LÓPEZ

Todos os anos, no primeiro dia de aulas apresento-me: “Sou Lourdes López, a vossa professora de Português”, e então me lembro de quando, como aluna do Secundário, estudei já esta disciplina, e de como cheguei até aqui, a ser professora, primeiro do Ensino Secundário e agora na EOI.

Estudar Português foi coisa do acaso, aliás do destino; bom, não sei ao certo. Na altura em que eu ia entrar no liceu, já não havia vagas, a única forma era escolher esta disciplina como primeira língua estrangeira. Então, eu tinha 14 anos e não sabia nada de Portugal para além de serem os “Nossos Vizinhos”, que tinham um café excelente e que Miranda do Douro era um lugar ótimo onde comprar as famosas toalhas. Enfim, eu queria entrar neste liceu e este foi o meio.

Nas aulas éramos apenas duas alunas, e quatro horas por semana tornavam-se na realidade, em explicações onde prendíamos muito. D. Idalina da Silva Cavaco (assim se chamava a professora) ensinou-nos a língua ou melhor, abriu as portas de um mundo regido pela língua portuguesa. Ensinou-nos desde História e Geografia até

os costumes dos portugueses, desde os reis e as alcunhas deles até as lendas, desde a sua economia até a história das ex-colónias. E assim decorreram quatro anos, entre apontamentos, comentários de texto e exercícios que ainda conservo no meu caderno.

É incrível como uma pessoa que apenas nos acompanha durante uns anos fica aí para sempre, foi assim com D. Idalina. Depois da minha passagem pela Universidade, onde tirei o curso de Estudos Portugueses, tirei o CAP, o curso de formação de professores e fiz o estágio igualmente com ela, num dos dias do estágio disse-me: “Estão à procura de um professor de Português, inscreve-te”, e assim foi e cá estou eu com a D. Idalina marcada na minha memória.

* LOURDES LÓPEZ é professora de Português na E.O.I.-Valladolid





Foi a finais do século XVIII quando o rei espanhol Carlos III aprovou uma ordem para fazer sair os cemitérios das cidades; não obstante, primeiro a difícil situação política, e depois a guerra adiaram a decisão até a meados do século seguinte.

Os cemitérios falantes do século 19

JOSÉ MARÍA RAMOS

A medida tinha um custo económico importante para as corporações municipais, porque exigia fechar todos os cemitérios das paróquias, e portanto do espaço urbano construído, assim surgiram novas praças e ruas, e abrir um novo cemitério longe da cidade, em terrenos públicos; todavia isto acontecia numa época na qual os municípios quase não tinham dinheiro.

Finalmente, quando a burguesia pode construir os novos cemitérios, porque controla as Câmaras municipais, fá-lo-á como um reflexo da sua conceção da sociedade e da cultura. A burguesia valoriza o sentido de justiça que tem a morte, o anjo vingador preside a entrada do cemitério de Comillas, e ao

mesmo tempo tem um gosto pelo sentido virtuoso da pessoa morta, que em vida foi uma pessoa importante e reconhecida. Deste modo estes cemitérios são um curioso exemplo da traslação da sociedade de classes, porque a estratificação social era uma realidade na vida mas também na morte. Um fator relevante na identificação de nichos e tumbas é a lápide, a maneira dos enterramentos romanos, pois nestas lápides inscreviam-se textos louvando a vida da pessoa enterrada, as vezes autênticas poesias. Sem dúvida é um aspeto que mostra o carinho com que as pes-

soas se lembravam dos seus mortos. Mais uma vez à maneira dos romanos, parece que os cemitérios eram lugares onde as pessoas iam falar com os mortos, para que eles estivessem menos sozinhos.

As diferentes classes sociais

Em conclusão, a diferença entre os simples nichos na parede e os grandes panteões, às vezes autênticas mansões, é hoje uma imagem que impressiona, como no cemitério antigo de Medina de Rioseco. Mas a realidade não podia ser de outra forma; assim, o regulamento de 1890 que regra as condições de funcionamento do cemitério de Nava del Rey estabelece cinco espaços para os distintos tipos de enterramentos, desde a primeira até a terceira classe, além dos enterramentos de caridade e as sepulturas para aqueles que morrem sem haver recebido o batismo.

Neste sentido a rua central determina a categoria dos enterramentos, de tal forma que na zona mais próxima à entrada se situam os panteões e daí, os enterramentos de segunda classe perpétuos e temporais, os enterramentos de terceira classe, e ao fundo os enterramentos de caridade e o ossário.





FRONTEIRA INVISÍVEL

Percurso visual por uma natureza comum

ANTÓNIO SÁ

A fotografia, incluindo a sua moderna variante digital, tem a virtude de nos obrigar a olhar tudo o que nos rodeia com atenção redobrada - porque é impossível fotografar bem sem observar bem. No que diz respeito à fotografia da natureza, o desafio vai ainda mais longe: para captar um belo detalhe no gelo há que estar disposto a enfrentar temperaturas negativas; tirar partido da suave luz matinal implica, frequentemente, acordar antes do

sol; e os animais esquivos apenas se vislumbram após quilómetros de caminho.

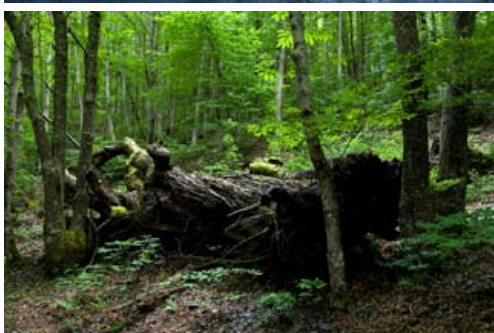
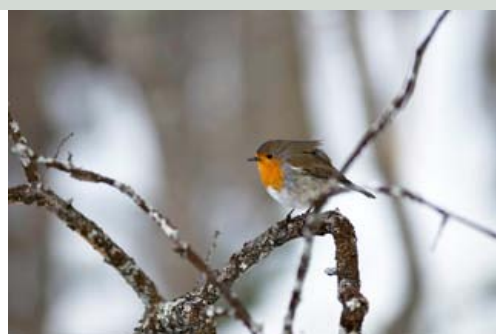
As imagens desta exposição traduzem apontamentos visuais captados no Norte da Península Ibérica, em zonas próximas da linha de fronteira entre Portugal e Espanha: Parque Natural de Sanabria, Parque Natural de Montesinho, Parque Natural do Douro Internacional e Montes Aquilianos/El Bierzo. Umhas vezes feitas com câmaras

compactas, outras com câmaras mais sofisticadas, estas fotografias mostram perspectivas e detalhes tantas vezes “invisíveis” ao cidadão comum.

E é precisamente para apreciar e proteger melhor o património que nos coube que faz sentido partilhar estes momentos. Por outras palavras, importa, cada vez mais, tornar visível a beleza natural destas regiões. Porque mais do que separar, esta é a fronteira que nos une.



A EXPOSIÇÃO esteve em 2012-2013 na Fundação Rei Afonso Henriques (Zamora), Casa do Parque Arribes del Duero (Fermoselle, Zamora y Sobradillo, Salamanca); Casa do Parque do Lago de Sanabria (Galende, Zamora); Casa do Parque das Lagunas de Villafáfila (Villafáfila, Zamora) e Centro de Recursos Ambientais da Junta de Castilha e Leão (Valladolid).



nós-otros

Uma aula sem muros

Dizia um compositor brasileiro que um sonho de várias pessoas não é um sonho mas sim uma realidade. Quando, no ano passado, pensamos fazer uma revista bilíngue tínhamos algumas dúvidas sobre se seria viável. Era complexo fazê-la e ainda mais a pensar que participavam colegas de dois países. Pois aqui estamos mais vivos que nunca. O pior fracasso que podemos experimentar é renunciar aos nossos objetivos sem ter lutado de verdade. Não é o caso. NÓS-OTROS é um barco à vela movido pelos ares da liberdade, uma reflexão sobre a importância das línguas irmãs como são o espanhol e o português, um diálogo a mãos cheias, uma experiência única para pessoas inquietas mas normais, uma aula pedagógica sem muros e também uma crítica social ao mundo em que vivemos. E outra questão importante: a revista é uma maneira para nos conhecermos melhor. Alguma coisa pouco convencional entre os alunos e a população. Somos algo mais que um pedaço de carne, queremos pensar e sentir a vida para nos sentirmos vivos. Definitivamente, como dizia Nietzsche, quem tem um "porquê" sempre encontrará um "como". Aí caminhamos.

